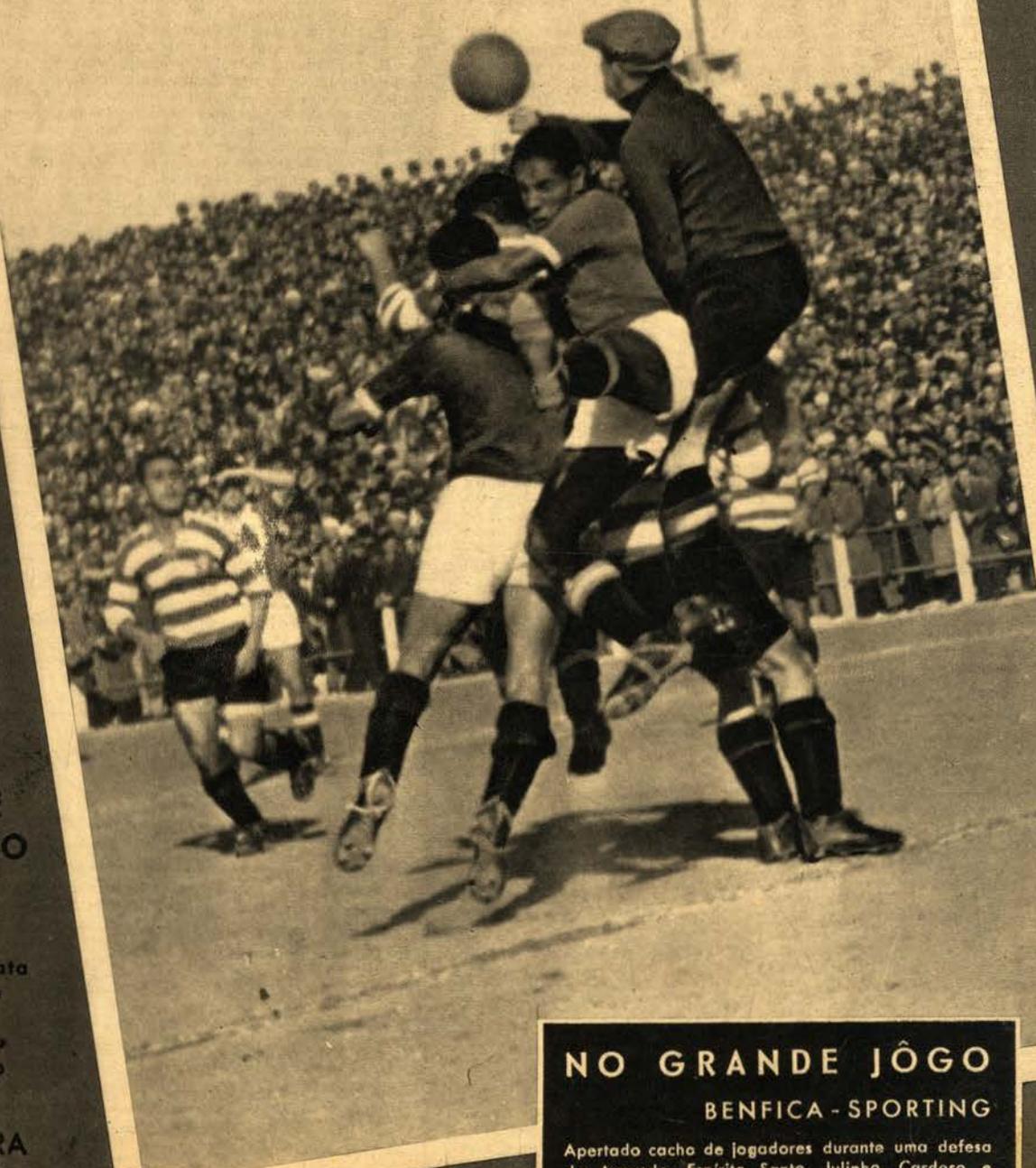


Stadium

N.º 115 * 14 DE FEVEREIRO DE 1945 * PREÇO 1\$50



**NÊSTE
NÚMERO**

●
A 1.ª separata
da série de
capitães
dos «teams»
da I Divisão
Nacional

**F. FERREIRA
DO BENFICA**

**NO GRANDE JÔGO
BENFICA - SPORTING**

Apertado cacho de jogadores durante uma defesa de Azevedo, Espírito Santo, Julinho, Cardoso e Manuel Marques empregam-se com o maior ardor

O GRANDE CAMPEONATO

BENFICA corre para o título**O duelo Benfica-Belenenses vem substituir a luta travada entre os Clubes Históricos**

Crónica de TAVARES DA SILVA

A décima segunda jornada do Campeonato Nacional de futebol foi um verdadeiro dia de festa, atraindo para o desporto a atenção de toda a gente. A cidade tinha como que um ar essencialmente desportivo, um movimento e uma agitação desasada, revelando o maior dos interesses pelo grande jogo do Campo Grande. Aquilo que se nota nas cidades de menor população e em geral se perde em Lisboa, via-se desta vez na capital. Só isto já seria o suficiente para a data da 12.ª jornada ser recordada durante muito tempo.

O problema do campeonato teria ficado decidido com a vitória do Benfica? A resposta não pode ser afirmativa. De positivo, sabe-se que o Benfica deu um grande passo, conquistando dois pontos que têm mais valor do que os pontos normais. Mas o caminho não está completamente livre de perigos. Vários obstáculos ainda aguardam aquele que acabará por triunfar. De momento, a competição tomou um ramo diferente: a luta entre os dois Clubes Históricos, que vinha a desenhar-se nitidamente, parece decidida, sendo substituída pelo embate Benfica-Belenenses, as forças que, neste momento, mais se afrontam, não só pela sua proximidade na tabela como por outras circunstâncias. O Belenenses é assim chamado ao primeiro plano da competição. Vejamos os resultados apurados:

Benfica	4	—	Sporting	1
Belenenses	1	—	Olhanense	0
Vitória (Setúbal)	5	—	Estoril	3
Académica	3	—	Vitória (Guimarães) ..	0
Pórtu	9	—	Salgueiros	0

Tudo passa a encaminhar-se bem para o Benfica, que, no entanto, vai agora atravessar o trecho mais difícil de toda a sua intervenção na contenda. Está neste momento numa posição privilegiada, é certo. Mas as forças belenenses e algarvias aguardam-no no Campo Grande e em Olhão. Não estando posta de lado a ideia de desastre, a verdade é que o Benfica, com margem para um deslize, pode passar triunfalmente todos os obstáculos, hipótese que daria origem a um fim, sem interesse, da Prova.

A jornada não foi rica em qualidade de futebol. O Benfica-Sporting ainda teve atractivos que o colocam ao de cima de todas as outras lutas. Todavia, algumas delas decorreram equilibradamente e foram bem disputadas, pelo menos, com vontade e energia. É de destacar o comportamento do Olhanense e do Vitória (Setúbal). Os algarvios bateram-se de igual para igual, mostrando a sua classe — que já ninguém nega. Os setubalenses não se limitaram a comportar-se com energia: jogaram melhor, desenvolvendo bom jogo. A Académica continua a ser um adversário perigoso e implacável para os menos categorizados. O Pórtu venceu sem quaisquer dificuldades. Completando a ideia da jornada, deve aludir-se às infelicidades do Vitória (Guimarães) e do Salgueiros. Há grupos perseguidos pela desventura.

A classificação geral sofreu uma alteração profunda: a subida do Belenenses para 2.º e a descida do Sporting para 3.º. O Pórtu isolou-se no 4.º lugar, já longe do Benfica, e o Olhanense, em 5.º. Separados por um ponto de diferença seguem-se Vitória (Setúbal), Estoril, Académica e Vitória (Guimarães). O Salgueiros já não figurará à última classificação.

O Benfica foi o melhor em campo: soube reagir na adversidade e dominar na ventura

Tratava-se de um jogo de grande importância, de cujo resultado dependeria o futuro da prova. Sem dívida, o Benfica, com esta sua vitória, consolidou a posição de *leader*, enquanto que o Sporting, derrotado, comprometeu seriamente a sua posição; ou melhor, as suas pretensões ao título. Quere isto dizer que a importância do jogo fez-se sentir no ânimo dos jogadores, pois não se tratava de um encontro como outro qualquer.

O Benfica iniligia ao seu eterno rival uma pesada derrota: 4-1 são números que, normalmente, não estão dentro das possibilidades dos dois *teams*, vistos em conjunto e confronto, cujas lutas se decidem em geral à tangente, ou mesmo por uma linha invisível. Ainda podia ter acontecido verificar-se um resultado desnivelado, mas o desafio ter a marca do equilíbrio, do princípio ao fim. Porque às vezes tal sucede: um clube ganha por vários *goals*, mas o jogo decorre com acentuado equilíbrio, ataques num e noutro lado, como que sintonizados.

Neste Benfica-Sporting tal não sucedeu. Os *encarnados* venceram por 4-1 e os três *goals* de diferença assinalam a sua superioridade em campo, cabendo-lhe o comando das operações e o domínio no território e na execução positiva do jogo. O *team* começou com incerteza. Aos poucos, porém, cresceu de modo assustador para o seu adversário, ao ponto de quasi ficar só em campo. No já tradicional

sistema de marcação, a linha média, na sua colaboração com a defesa, não conseguiu brilhar na meia hora inicial, o período que consideramos de vantagem sportinguista. Vimos, assim, os *leões* ao ataque mais vezes, e em combinações lineares, pondo em sério risco as redes vigiadas por um jogador jovem, com qualidades, mas com incertezas e malabarismos que provocam perigos — e esta qualidade de perigos é mortal.

O Benfica nunca se entregou. Livrando-se de algumas situações delicadas, com vento de feição, foi seguindo o seu caminho, esbraceando, lutando, movendo-se e atacando, na sua característica fórmula de combate a todo o instante. Como resultante deste espírito de luta, o Benfica conseguiu o empate, mais ou menos à meia hora.

Foi o sinal de cair a-fundo. O Benfica tinha conseguido o mais difícil. O resto ia ser-lhe fácil, relativamente. Todas as linhas, animadas pelo feito, começaram a responder perfeitamente à chamada, e os *encarnados* puseram então em campo mais qualquer coisa do que o seu belo espírito de luta — também a mecânica do seu jogo de conjunto, a funcionar com segurança, dominando o adversário. Jogo em que cabe o processo individual dos seus avançados, alguns dos quais tanto adoram a linta, o engano, o toque de efeito.

A esta face das coisas — como correspondeu o Sporting? Voltamos a lembrar que este conseguiu, no começo, o seu melhor período de jogo. Enquanto houve calma em campo, e o Benfica não abriu o caminho do triunfo, o Sporting desenvolveu os seus esquemas com melhor consciência técnica, ou tática, criando oportunidades, embora não aproveitadas. Note-se que o Sporting apresentou um grupo sensivelmente modificado: regresso de Canário à linha medalhar e chamada de João Cruz ao posto de interior, em continuação do mau critério adoptado pelo Sporting no tocante à lei das substituições.

Quere dizer, enquanto teve a vitória nas mãos, o Sporting evolucionou bem no terreno, dando impressão agradável das suas possibilidades. Logo, porém, que o vento mudou de direcção, os *leões* não tiveram o sangue-frio necessário para criarem o estado propício à reacção, desorientando-se e permitindo as incursões amiaudadas do adversário. Essa desorientação aumentou à medida que se caminhava para o fim. Com ela veio o desentendimento, o falhanço, a jogada desacertada. Homens com habilidade passaram a não ter habilidade nenhuma. Jogadores de boa técnica deram, nessa altura, a impressão de não perceberem nada do jogo. É sempre assim.

Justo é referir que os incidentes do jogo não favoreceram o Sporting. Barrosa, o seu jogador mais representativo no capítulo de disputa da bola, de cabeça partida, esteve alguns minutos fora de campo, recebendo mais tarde ordem da expulsão por ter entrado intencionalmente duas vezes seguidas. Ora esta orientação parecia indicar que o árbitro não consentiria em violências e incorreções, mas a verdade é que, no decorrer do desafio, registaram-se lances tão violentos, pelo menos, como os que provocaram a expulsão de Barrosa. E ninguém mais saiu do terreno. Além disso, noutros aspectos, a sorte não acompanhou os *leões*. Certíssimo. Também aconteceu, no entanto, que os *leões* não souberam criar a sorte, não a merecendo ter pelo seu lado. O capricho do jogo pende quasi sempre para o que joga melhor. Nesta hipótese, e indiscutivelmente, o Benfica

Energia a rodos no desafio das Salésias.**Belenenses e Olhanense num jogo equilibrado**

Apesar de todas as preocupações desportivas se concentrarem, por assim dizer, no Campo Grande, o magnífico terreno das Salésias registou boa enchente. Quem lá foi — não perdea o seu tempo.

(Continua na página 11)

AS NOSSAS SEPARATAS

COMO anunciámos nos nossos últimos números, começamos hoje a incluir na STADIUM as SEPARATAS com os CAPITÃES DAS EQUIPAS que disputam o Campeonato de Futebol da I Divisão Nacional.

Para abrir esta colecção, oferecemos aos nossos leitores, em primeiro lugar, a fotografia de FRANCISCO FERREIRA, popular jogador e capitão do grupo de honra do SPORT LISBOA E BENFICA.

A publicação de EMBLEMAS A CÔRES

Continua a recepção de emblemas dos clubes de todo o País, sendo elevado o número de desenhos em nosso poder. Pelos motivos que já referimos — só poderemos começar a elaboração das tricromias para esta nova serie de separatas depois da selecção da maioria dos desenhos — confiamos em que os clubes que não responderam ainda à nossa circular o façam com a possível urgência.

Para a história do futebol em Portugal
ONDE SE JOGOU PRIMEIRO?
NA PARADA, EM CASCAIS, OU NA MADEIRA?

A historiografia desportiva de Portugal é coisa que só há pouco tempo começou a fazer-se com certa amplitude e mais seqüência. Não se tem passado, em grande parte, da tradição oral e de documentação fornecida especialmente pela imprensa. Aquilo que assenta apenas na memória é em geral precário. O tempo traz, invariavelmente, o esquecimento ou a confusão. Depois de transpostos alguns anos, nem sempre é possível destrinçar convenientemente o que se passou, os factos de que participámos como autores ou espectadores. A história tem por isso de ser corrigida a pouco e pouco, à medida que surgem novos elementos de informação.

Vêm estes comentários a propósito da história do futebol. Nos trabalhos vindos a público, até há algum tempo, na imprensa continental, a data de introdução do futebol em Portugal tinha por base a exibição pública de Cascais, no antigo campo da Parada, em Outubro de 1888. Cândido de Oliveira, nosso prezado colega, publicou um artigo curioso, a tal respeito, no «Século», em 1938, com esclarecimentos prestados pelo sr. Guilherme Pinto Bastos, ainda considerado o introdutor do futebol em Portugal, com seus irmãos Eduardo e Frederico. Com estes elementos, ou tendo como ponto de partida o artigo de Cândido de Oliveira, comemoraram-se com brilhantismo, no citado ano de 1938, por iniciativa do «Século», as «Bodas de Ouro» do futebol português.

Na «História do Futebol em Portugal», de que são autores Ribeiro dos Reis, Ricardo Ornelas e Tavares da Silva, também nossos prezados colegas, e que teve a nossa colaboração no período compreendido entre a introdução do futebol e a fundação de Associação de Futebol de Lisboa, ou seja entre 1888 e 1910, tomámos igualmente a intervenção do sr. Guilherme Pinto Bastos como base para a data da primeira manifestação do popular desporto entre nós.

Acabámos, porém, de tomar conhecimento de outra versão, posta em público pelo jornalista Mota de Vasconcelos, no seu «Almanaque do Desportista Madeirense» para 1945, recentemente publicado. Diz Mota de Vasconcelos que a mesma versão assenta no que lhe foi revelado pelo sr. Harry Hinton, grande industrial da Madeira, em conversa sobre assuntos de desporto e memórias desportivas. Por esta notícia e segundo os termos empregados por Mota de Vasconcelos, a Madeira fica na «invenível culminância de ter conhecido o jogo da bola primeiro que qualquer outra terra portuguesa».

Harry Hinton, subdito inglês, nasceu na Madeira, em 8 de Janeiro de 1857. Contava, à data de saída do «Almanaque do Desportista Madeirense», a respeitável idade de 88 anos incompletos. E já os completou, felizmente. Foi dos desportistas mais eminentes naquela ilha. Praticou vários desportos e a todos eles dispensou a sua melhor atenção. É uma relíquia do desporto no Funchal. Pelo que o referido industrial e desportista contou, tinha 18 anos quando levou a primeira bola de futebol, de Inglaterra, bola que «foi jogada, por êle e diversos rapazes, sem selecção, quasi tôdas as semanas, no campo de Achada da Camacha». Registou-se isto em 1875. O sr. Harry Hinton ia passar normalmente os seus fins de semana na Quinta de Achadinha, que era propriedade do pai. E não se esquecia do futebol...

Já se lhe atribua ter levado para a Madeira a primeira bola de futebol. A descoberta de agora dá a êsse facto maior significado histórico. Ao valor da relação feita pelo sr. Harry Hinton refere-se Mota de Vasconcelos pela forma seguinte:

«Este facto, que nos foi revelado pela palavra honrada do venerando desportista, palavra que tem o valor de uma verdade do Evangelho, é deveras palpitante e altamente significativo para a história dos desportos

Uma dúzia de exercícios gimnásticos de preparação física...

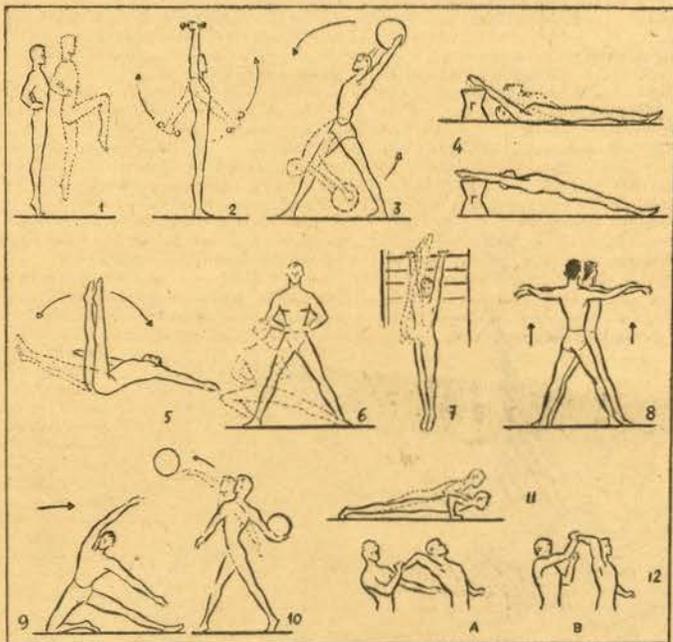
VI — ... para os lançadores de dardo

Aviso prévio: Não se trata aqui de esquemas de lições de ginástica, mas apenas de uma escolha de alguns entre os muitos exercícios que melhor correspondem às necessidades de preparação física especializada destes atletas.

Também não escrevi estas notas para professores; êsses não precisam do meu conselho. Escrevi para os rapazes que trabalham sem assistência de técnico competente e por isso redigi o enunciado dos exercícios fora das regras da terminologia oficial, de maneira a ser compreendido por êles aquilo que pretendo explicar.

SALAZAR CARREIRA

- 1 — Sôbre as pontas dos pés, calcanhares unidos, mãos na cintura: saltitar duas vezes sôbre cada pé com elevação anterior superior do joelho da outra perna; terceiro salto sôbre os dois pés.
- 5 — Deitado de costas, braços em afastamento lateral, pernas levantadas à vertical e unidas: baixar as pernas alternadamente à esquerda e à direita, mantendo sempre o ângulo recto com a bacia e nunca



- Progressão:** estender a perna flectida à frente, no segundo salto.
- 2 — Circunvoluções dos braços, de baixo para cima e para trás, e depois de cima para diante e para trás.
 - 3 — De pé, pernas afastadas, braços em elevação superior suportando a bola medicinal: grandes flexões do tronco à frente, passando a bola até atrás por entre as pernas e levantando de novo o tronco até à posição inicial.
 - Progressão:** terminar o exercício lançando a bola para a rectaguarda, por cima da cabeça.
 - 4 — Deitado de costas no solo, braços estendidos acima da cabeça e mãos em apoio sôbre uma barra a meio metro do solo: levantar as costas do solo, puxando sobretudo os ombros para diante.
 - Progressão:** descolar todo o corpo, ficando em apoio apenas as mãos e os calcanhares. (O apoio das mãos será neste caso mais elevado).
- dêscollando os ombros do solo.
- 6 — De pé, pernas em grande afastamento lateral; flexão alternada sôbre a perna esquerda e direita.
 - 7 — Suspenso no espaldar: elevação das pernas flectindo os joelhos até tocarem nos ombros.
 - Progressão:** o mesmo exercício, levantando as pernas estendidas até os pés tocarem no espaldar.
 - 8 — De pé, pernas afastadas, braços pendentes, com um ajudante por detrás, cujas mãos se apoiam na face externa dos pulsos do executante: elevação lateral dos braços, com oposição, e descida dos braços resistindo à pressão do ajudante.
 - 9 — Sôbre o joelho direito, perna esquerda estendida lateralmente, mão direita à nuca: flexões laterais do tronco à esquerda, procurando tocar com a mão no pé.
 - Progressão:** insistências.
 - 10 — De pé, perna esquerda em frente, mão direita suportando a bola medicinal com o braço estendido à rectaguarda: projecção da bola por cima do ombro, sem flectir o braço e simultaneamente com um passo em frente.
 - 11 — Em posição de queda facial: flexão dos braços (sem que o tronco toque no solo) e extensão brusca, descollando as mãos do solo.
 - 12 — Em posição de a-fundo curto esquerdo em frente, braço direito estendido à rectaguarda e mão presa na mão de um ajudante: puxar o braço por cima do ombro, arrastando o ajudante (esquematisação do gesto de projecção do dardo).

(Continua na pág. 6)

madeirenses, pois compete à Madeira e aos seus nativos a honra e o título nobre de ter sido, de tôdas as terras portuguesas, a primeira que viu bater no seu solo a bola de coiro e «cautchu», que um dia viria a ser o motivo sedutor e gerador do popularíssimo desporto.

Aí fica, pois, a notícia—de que o director do «Almanaque do Desportista Madeirense» proclama, na edição para 1945, apoiado em declarações de Mr. Harry Hinton, inglês nascido na Madeira, ter sido na formosa ilha que se jogou primeiro o futebol, em 1875, no império

O BASEBALL, PRINCIPAL ESPECTÁCULO DESPORTIVO DOS NORTE-AMERICANOS, PODIA IMPLANTAR-SE EM PORTUGAL

Breve resumo da sua técnica — Um pouco de história

DOS desportos que maior entusiasmo levantam no espírito do povo norte-americano, tanto pelo interesse que gera como pela sua identidade quasi absoluta com a indole *Yankee*, é o *baseball*, sem dúvida, o mais importante de todos.

Escritores panegiristas, G. L. Moreland, E. A. Roff, A. G. Spalding e A. Spink chamam-lhe «jogo nacional», cognome que lhe confere a mais elevada cotação na preferência popular e lhe reconhecem, ao mesmo tempo, marcada supremacia sobre os demais jogos.

O *baseball* é um desporto de valor atlético notável e assás curioso. Em Portugal é praticamente desconhecido, apesar de haver sido executado por alunos da Casa Pia de Lisboa e por sócios do Casa Pia A. C., sob influência de certo cidadão americano que residiu entre nós bastantes anos. No Colégio Militar também se tentou, há um quarto de século, dar-lhe impulso creador, sem o menor êxito, em vista da popularidade do futebol, que já atrafia de modo irresistível a mocidade.

Apesar destes fracassos preliminares, não achamos motivos para que se deixe de ensaiar de novo, nas escolas e clubes, tão simples e salutar desporto.

Seria, até, de certa maneira, original que fossem os portugueses, na Europa, os primeiros a praticar o *baseball* com assiduidade e empenho, antici-

pando-se aos restantes povos continentais, que o conhecem mas não o apreciam devidamente.

Não só pelo facto, de pessoalmente o havermos aprendido, mas porque o julgamos fácil, atraente e próprio da gente moça, aconselhamos aqui todos os dirigentes e orientadores das actividades desportivas a promover a sua criação entre os seus associados.

E como alguns leitores perguntam de vez em quando informações acerca do *baseball*, vamos procurar satisfazer-lhes a curiosidade, dando-lhes algumas idéias gerais e resumiadas sobre a história, génese e regras deste jogo.

Trata-se de um desporto com pouco mais de cem anos, inspirado pela certa noutros exercícios mais remotos e rudimentares. Em 1839, um cidadão americano, Abner Doubleday, codificou as primeiras regras e hoje considera-se o verdadeiro criador do jogo, ainda que a certeza da sua prática em 1830 esteja bem averiguada.

Durante a guerra da successão, em 1865, os soldados dos dois partidos em luta deram-lhe impulso notável e difundiram-no pelo país.

A principio, era caracterisadamente violento. Mais tarde, para contrabalançar essa perigosa tendência, inventaram-se utensílios protectores, hoje correntes e indispensáveis, então muito mal aceitos e fortemente ridicularizados!... Assim, a máscara do «receptor» (catcher) deve-se a Fred Thayer, mas não a usou e pediu a oitrem que a aparescesse em público com ela. As luvas atribuem-se a Charlie Waite, em 1875, que foi acusado de cobardia e por esse motivo morreu desiludido e miserável.

As caneleiras foram empregadas por Roger Bresnahan, sendo alvo de zombarias mordazes. E assim por diante...



Arremessando a bola, numa curva difícil

O *baseball* tem tido muitos jogadores de nomeada e, entre tantos, houve alguns portugueses ou, melhor, indivíduos, de origem portuguesa, como Lew Fonseca, por exemplo. No entanto, os de maior projecção foram os seguintes: Cy Yuong, Walter Johnson e Christy Mattenson (lançadores); Gordon Cochrane, Ray Schalk e Criger (receptores); Hal Chase e Geo Sislser (1.^{as} bases); Eddie Collins e Napoleon Lajoie (2.^{as} bases); Jim Collins e Bill Bradley (3.^{as} bases); Honnuss Wagner e Bob Wallace (apanhadores) e, por fim, Babe Ruth, Lou Goherrin, Rodger Hornsby, Ty Cobb, Hans Wagner, Di Maggio e Ted Willians, como bateadores.

Descrição dos jogadores e do terreno

O *baseball* é jogado por dois grupos compostos de 9 jogadores e pratica-se num terreno plano, onde se traçou um quadrado com 90 pés de lado (cêrcra de 27,50 metros) chamado *diamond*. Esta palavra inglesa, que significa «losango», é mal aplicada, mas o costume fez a lei. As restantes dimensões importantes do *diamond* estão marcadas no diagrama que acompanha o texto deste artigo e são fáceis de compreender.

No interior do recinto e no centro do mesmo, em geral sobre a forma de um largo círculo, determina-se a posição do lançador, enquanto que as posições dos outros componentes do grupo se dispõem pelo exterior do *diamond*.

Os nove indivíduos que constituem cada equipa têm várias funções a desempenhar, nomeadamente de lançar a bola ao receptor, guardar as bases, colher a bola depois de batida, etc. Por isso têm os nomes seguintes:

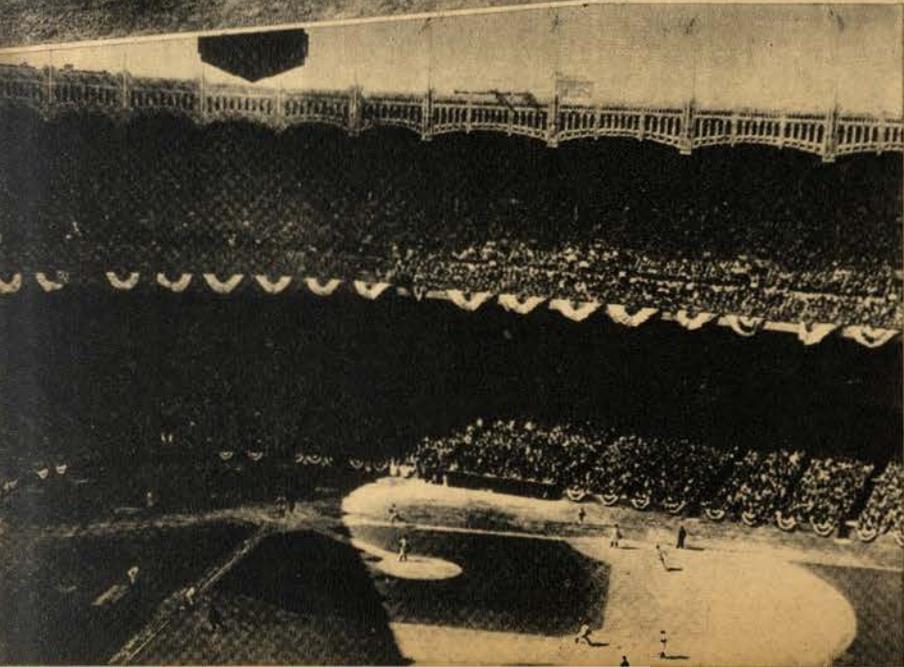
Lançador (*pitcher*); receptor (*catcher*); guarda da 1.^a base (*first baseman*); guarda da 2.^a base (*second baseman*); guarda da 3.^a base (*third baseman*); apanhador (*short stop*); exterior-esquerdo (*left-fielder*); exterior-centro (*center-fielder*); exterior-direito (*right fielder*); e bateador (*batsman*).

Apesar do número de funções agora citadas ser de dez, chamamos atenção para o facto de as nove serem acumuláveis com a de «bateador», porque este joga sempre contra os nove homens do partido adverso.

Ao começar a luta, um dos grupos tem em campo todos os elementos, assim distribuídos: 1.^o lançador, pronto a jogar a bola ao receptor; o receptor, revestido com a máscara e protector de peito; os guardas das bases junto das mesmas; o apanhador entre os guardas da 2.^a e 3.^a bases e os exteriores, todos dispostos conforme se indica na gravura. O outro grupo apenas tem no terreno um jogador, o bateador, colocado entre o lançador e o



Um «infielder» alcança a terceira base



Aspecto impressionante de um recinto de «baseball»



Um «pitcher» em flagrante

receptor, preparando-se para interceptar a bola com o *bate*, quando ela lhe passar ao alcance.

O lançador e o receptor constituem o que se designa pelo nome de *bateria* (*battery*), espécie de boca de fogo e alvo da bola. Os guardas das 3 bases (vértices do *diamond*, que estão assinalados no terreno por sacos de lona cheios de serradura e fixados com correias esticadas...) tomam o nome de *interiores* (*in-fielders*); os restantes são chamados *exteriores* (*out-fielders*).

O *batedor* apresenta-se munido de um rôlo de madeira, denominado «bete», tronco-cónico com um metro de comprido e 5 centímetros de secção na parte mais grossa. Junto d'êle está o árbitro (*umpire*) devidamente protegido.

Como se disputa o encontro

As equipas, antes do desafio, tiram à sorte a quem cabe ficar no terreno (*field*) ou no «bete».

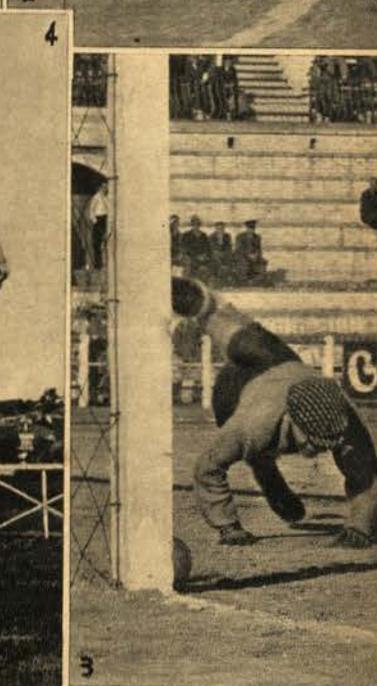
Imaginemos que todos ocupam os seus lugares. O lançador, cuidadosamente, segura na bola de cortiça, revestida com pele de cavalo, e puxando o braço atrás atira-a na direcção do receptor, por cima do ombro. A trajectória da bola pode variar, mas para se considerar boa (*strike*) é preciso que passe a uma altura menos que o ombro do batedor e o Joelho do mesmo e ainda sobre a marca da 4.^a base (*home-plate*).

Consideram-se más (*balles*) as bolas que o lançador atira por fóra d'êstes limites ou que, sujeitando-se a êles, sejam lançadas sem que um dos seus pés esteja assente na marca do lançador.

Supunhamos que a 1.^a bola atirada foi um *strike*, isto é, boa. O papel do batedor é interceptá-la, arrojando-a com o «bete» para longe e para onde não haja adversários. Em seguida abandonando o «bete», corre direito à 1.^a base e procura, se puder, percorrer perimetro completo do *diamond*. Se o faz sem que os antagonistas tenham alcançado a bola, realiza um *home-run*. Entretanto, os interiores e exteriores procuram apanhá-la e passá-la ao guarda da base mais próxima, para a qual o batedor se dirige. Se lhe tocarem com ela enquanto corre, é pôsto fóra de jogo e vem para o *bate* outro companheiro de equipa.



HANDBALL: 1—Macara conduz uma avançada no jogo Estoril - «Os Treze»; 2—Fase colhida no encontro entre o Sporting e o Estoril; 3—Almasquá consente um «goal».



Em geral, sucede que o batedor atinge a 1.^a base e decide permanecer ali. O colega que o substitui no *bate* «faz» recomençar o jogo da mesma maneira que anteriormente.

Quando um batedor falha 3 bolas consecutivas consideradas boas, é pôsto fóra, sucedendo-lhe outro. Por cada 3 batedores excluídos há troca do campo: o grupo que está no terreno passa para o *bate* e o outro para o terreno. O conjunto de duas fases consecutivas — *bate* e campo — constitui um *inning*.

Compreende-se que a equipa no «bete» procurará fazer o maior número possível de *home-runs* (percursos) e que a adversária se esforçará por impedi-lo.

O desafio disputa-se em 9 *innings*, sendo vencedor o grupo que tenha alcançado maior quantidade de percursos.

O *baseball*, que tanto entusiasma os norte americanos, japoneses, cubanos e mexicanos, não é mais do que isto, na sua máxima simplicidade.

Sobre as regras do *baseball* há muito que dizer, mas não só a sua complexidade como o

desconhecimento que os nossos leitores têm do jogo tornariam a sua exposição isenta de interesse.

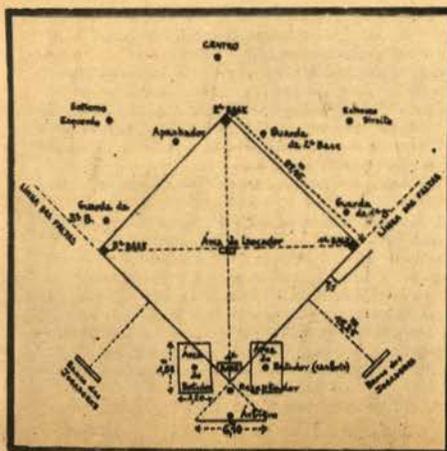
Apenas por curiosidade diremos que o lançador é quem maior papel desempenha na equipa que estiver no terreno. Deverá possuir absoiuto domínio da técnica do lançamento, executando com a mesma facilidade tanto um *out curve* (bolada cuja trajectória, curvilínea, apresenta acentuada convexidade para o exterior do batedor) como um *in-curve* (o contrário da bolada anterior) ou, ainda, um *drop-curve*.

O lançador só é punido se falhar 4 bolas consecutivas, permitindo que o batedor avance até à 1.^a base.

Chamamos a atenção do leitor para um facto importante: Cada jogador figura num documento especial onde se anota o *score* (resultado) do seu labor. Esse registo apresenta-se com 7 colunas, sendo as primeiras 4 relativas ao seu comportamento como batedor e as outras ao seu papel como interior ou exterior.

Depois d'êste rápido esquema do *baseball* restamos perguntar: Quanto o veremos jogar em Portugal?

RAFAEL BARRADAS



ESGRIMA

A TAÇA "GIMNÁSIO CLUBE"

foi ganha pela equipa da Sala organizadora
constituída por J. Oom, C. Dias, J. Vinha e R. Worm (suplente)

CONCLUIU na última quinta-feira o segundo torneio de florete da época: a taça «Gimnásio Clube»—prova disputada por equipas de três atiradores, sem distinção de categorias.

A vitória coube à própria sala organizadora, o velho Gimnásio, numa competição de nível técnico fraco e com reduzida inscrição, pois concorreram só quatro equipas.

Isto significa que tende a acentuar-se o desinteresse das salas de armas pela bela modalidade que é o florete, situação incompreensível e que merece estudo cuidado de quem de direito. Qual será, em futuro próximo, a actividade da esgrima em Portugal, a manter-se esta prejudicial inércia?

O torneio consistiu de seis encontros de equipas, pela ordem seguinte:

Gimnásio, 5-1. S. Técnico, 4: Vitória de certo modo difícil. Bom concurso de Carlos Dias (3-0), seguido de perto, mas com irregularidade, por João Vinha (2-1). Raul Worm totalizou derrotas. Nos vencidos, Augusto Supico foi o mais útil (2-1). Dantas Maia e Machado Gomes (1-2) estiveram à quem das suas possibilidades.

Gimnásio, 5-«Mocidade», 4: Esperávamos a vitória da «Mocidade», até mesmo em face da exhibição anterior do Gimnásio. O rendimento baixo de Edmundo Franco (1-2) e o fracasso total de Antero Martins fizeram o resultado. Gouveia Franco (3-0), muito bem. Dos vencedores, C. Dias e R. Worm (2-1) foram os mais seguros. J. Vinha (1-2) irregular.

«Mocidade», 5-Lisboa Gimnásio, 4: A equipa vencedora resistiu bem, graças à eficiência do dr. Cruz Ferreira, que obteve vitórias. Paiva e Pona, diminuído, registou duas derrotas. O dr. António Coito totalizou derrotas. Carlos e Edmundo Franco deixaram-se surpreender pela boa combatividade de Cruz Ferreira, e J. Figueiredo, que substituiu A. Martins, conseguiu uma vitória, aliás resultado lógico em relação ao conjunto adversário.

I. S. Técnico, 5-Lisboa Gimnásio, 4: Vitória aceitável, em que a melhor quota-parte pertenceu a Dantas Maia e A. Supico (2-1), pois M. Gomes esteve pouco inspirado (1-2). C. Ferreira voltou a sair vencedor dos seus assaltos, mas foi mal ajudado por P. Pona (1-2). As três derrotas de A. Coito ditaram o resultado.

Gimnásio, 6-Lisboa Gimnásio, 3: O Gimnásio dispensou o concurso do suplente R. Worm e apresentou a equipa completa, com o dr. Jorge Oom, que conquistou 3 vitórias. C. Dias e J. Vinha mantiveram a média anterior: 2 vitórias de primeiro e 1 única do segundo.

Para a história do futebol em Portugal

(Continuação da página 3)

lusitano. A notícia tem interesse bastante para merecer pesquisas e documentações mais completas.

Registamos, entretanto, que, ainda conforme as notas de Mota de Vasconcelos na mesma obra, existem na Madeira duas versões acerca do primeiro desafio de futebol, naquela ilha. Na versão do sr. H. A. Milles, também nascido no Funchal, o primeiro desafio data de 1893, e foi jogado entre o grupo de um navio inglês, em reparação na referida cidade, e um grupo organizado por Mr. H. A. Milles, que tinha regressado de Inglaterra em Julho do mesmo ano. Na chamada versão do iate «Rhouna», o primeiro desafio disputou-se em Janeiro de 1895, data que marca o começo da expansão do futebol na Madeira. No perfil de H. A. Milles, no «Almanaque», fala-se, no entanto, da chegada do «Rhouna», em 20 de Dezembro de 1895. É pois possível haver confusão em qualquer das citações. É parecido que seria interessante apurar isto ao certo.

MARIO DE OLIVEIRA

Dos vencidos, C. Ferreira desceu em rendimento, P. Pona forneceu a habitual vitória e o dr. Felisberto Coito, a substituir seu irmão, igualou o resultado dos companheiros (1-2).

«Mocidade», 7-1. S. Técnico, 2: O resultado mais expressivo do torneio. Carlos e Edmundo Franco converteram em vitórias os seus assaltos. J. Figueiredo distanciou-se, com 1-2. Dos vencidos, D. Maia e A. Supico dentro das suas possibilidades e M. Gomes inferior.

Classificação final: 1.º—Gimnásio Clube, com 3 vitórias colectivas; 2.º—«Mocidade Portuguesa», 2-1; 3.º—I. S. Técnico, 1-2; 4.º—Lisboa Gimnásio, 0-3.

Não devemos considerar a classificação do Lisboa Gimnásio em harmonia com a força da sua equipa.

O melhor resultado individual (8-1) pertenceu ao campeão nacional, Carlos Gouveia Franco—o floretista mais clássico no torneio e que mantém as suas excelentes qualidades. De lamentar a quebra de combatividade que mostrou uma vez por outra.

Seguem-se-lhe o dr. Cruz Ferreira e Carlos Dias (7-2), o primeiro revelando ainda pouco

treino, mas sempre difícil e voluntário, e o segundo mantendo no florete as características de adaptação inteligente que põe em prática.

Depois, Edmundo Franco (6-3), que se mostrou mais deficientemente trabalhado que na última época, circunstância que influiu nitidamente na condução dos seus assaltos.

O dr. Jorge Oom, que disputou só um encontro, jogou na toada que lhe é peculiar e oferecendo a dificuldade habitual.

A. Supico (5-4) melhorou muito pouco em relação ao torneio de terças categorias. João Vinha e Dantas Maia ficaram no plano imediato (4-4); Vinha, que criou responsabilidades, atirou mal, precipitado, a esmagar as paradas e sem a subtilidade que o classificou como floretista de mérito. Maia progrediu—e mais progredirá quando corrigir a posição de guarda e infiltrar a ponta convenientemente.

Dos restantes, R. Worm mostrou-se em má forma; M. Gomes fez esgrima aceitável de longe em longe—mas não esteve seguro; A. Martins, pouco experiente, não parece aproveitar as suas qualidades; P. Pona, de técnica correcta, desceu nitidamente em utilidade; J. Figueiredo exibiu-se com a irregularidade que a sua pouca prática justifica; e A. Coito e F. Coito dentro do que deles dissemos há dias.

Campeonato Nacional de Florete

Está marcado para o próximo dia 18, domingo, às nove horas da manhã, o campeonato nacional de florete, organizado pela Federação Portuguesa de Esgrima e a disputar no salão do Gimnásio Clube Português.

DA VIDA DESPORTIVA

DUAS NOTAS POR SEMANA

NO ESTRANGEIRO

EM PORTUGAL

SUCEDEM por vezes coisas que parecem inveríveis e que se acreditam—como dizia certo convicido admirador da imprensa—porque vêm escritas nos jornais. Estas que vamos hoje apresentar aos leitores pertencem ao número.

O pancrácio é, como sabem, certa modalidade espectacular de luta livre, cujos únicos golpes proibidos são quasi apenas dar tiros e arrancar os olhos ao adversário... Pois esta aprazível modalidade desportiva (alguma designação se lhe há-de dar), quasi exclusivo apanágio de profissionais, tem grande desenvolvimento no norte da Inglaterra, onde se criou um organismo dirigente que, animado das melhores intenções, se resolveu a promulgar um regulamento técnico indicativo dos golpes proibidos e procedimentos puníveis.

A imprensa local comentou pouco amavelmente a obra e houve um jornal que pôs com certo espírito o seguinte problema: tem sucedido com frequência, em combates de pancrácio, que um dos lutadores, arreliado por qualquer intervenção do árbitro, vá buscar ao seu canto a garrafa da água com que os «segundos» o refrescam nos descansos e a venha entornar sobre as calças do director do combate, em sinal de desagravo. Pergunta o cronista, visto o regulamento ser omissivo sobre o acto: como punir? Deve considerar-se a acção falta técnica ou desrespeito pelo árbitro?

Agora outra, que vem da América: um grupo financeiro noroiorquino constituiu-se em sociedade para comprar o Yankees Club, um dos mais afamados agrupamentos do «basketball», o jogo nacional e preferido pelo público dos Estados Unidos.

O negócio incidido sobre tudo quanto, por assim dizer, formava o activo da colectividade: lenceros de jogo, material, sede e... cerca de 300 jogadores, entre os quais figuram alguns dos mais célebres campeões.

O grande magnate da empresa foi Dan Topping, o marido da famosa Sonia Henlé—que de campeã de patinagem artística passou a estrela do cinema, e de estrela de cinema a multimilionária—e o custo total da transacção atingiu 2.800.000 dolares!

Não há engano de cifra, não senhor: dois milhões e oitocentos mil dolares! Setenta mil contos!!

VAMOS buscar hoje a um jornal de Madrid a nota sobre o acontecimento da semana em Portugal, porque ali encontramos precisamente o conceito e o interesse que justificam a entrada no âmbito desta secção.

As palavras que transcrevemos são de um camarada distinto, velho e comprado amigo da nossa terra e da nossa gente: Alberto Marlin Fernandez, que as escreveu para o diário «Gols», na primorosa secção dos «Colóquios».

O tema é o encontro de Lisboa entre o Atlético Aviação e o Sporting, apreciado em ar de conversa por quem foi testemunha visual e que, com desassombro e sinceridade, comunica impressões. Vejamos:—«O Sporting jogou muito melhor e era escusado dizer mais coisas. Mas, em primeiro lugar, quero afirmar-te que não há país nem grupo de amigos que saibam manifestar a sua sincera amizade com maior nobreza do que os portugueses e, entre eles, os de Lisboa. A nossa curta permanência foi uma sucessão de atenções e carinhos cuja cordialidade já mais esqueceremos. Mais ainda: o jogo, em ambiente de espectacular e entusiasmo, foi para o Atlético o testemunho de um publico que aplaudiu sem reservas as nossas más jogadas, ainda que, como é lógico, transbordasse de alegria ante a legítima vitória dos seus».

E seguem as opiniões: «A mim não me prendem desculpas e, antes de procurar leves justificações, quero afirmar a minha admiração pelos vencedores: o Sporting possui excelente equipa, que aqui em Madrid não pudemos julgar, talvez porque sofreu—como os nossos em Lisboa—a influência poderosa do terreno diferente».

—«Não te parece exagerado atirar sobre a qualidade do terreno tamanhas culpas?»

—«Claro. Quem afirmasse isso exageraria».

—«Parece-te então perigoso o próximo jogo internacional que lá iremos fazer?»

—«Tenho a certeza que será difficilissimo para os nossos. Se é verdade que jogaremos no magnifico relvado do novo estádio, também não é menos realidade que todo o Portugal se sente identificado com uma preparação mais cuidada do que nunca. A vitória sobre o Atlético reverdecera todas as esperanças».



NO MUNDO DA BOLA



PELO "JORNALISTA DESCONHECIDO"

Há resposta para tudo...

P. 36—Pode dar-me algumas informações sobre a carreira do conhecido futebolista Artur de Sousa e a idade dele. Por incidente, o que querará dizer este apelido «Pinga»? (Jorge S. Teixeira, do Estoril).

Pinga é madeirense. Tem 35 anos, pois nasceu em setembro de 1909. Jogou no Marítimo (Funchal), onde já revelara grandes qualidades, vindo para o continente e envergando a camisola do Porto, que nunca mais deixou de vestir. Até há pouco tempo—jogador certo no team nacional, a interior esquerdo. Não sabemos o significado de «Pinga». Talvez porque a sua família assim era conhecida, como sucede em algumas terras da província. Quando o encontramos—perguntar-lhe-emos a razão do nome popular. Há uma brochura sobre a sua vida.

P. 37—Porque é que Pinga não vai à seleção nacional?

Qual é o melhor interior esquerdo português?

Quais os três melhores jogadores do Estoril?

Para o próximo ano irá ao campeonato nacional da Primeira Divisão o campeão do distrito de Aveiro? (Joaquim Alves Castanheira, de Lamas da Feira).

Pinga nem sequer tem jogado no team do Porto. Está magoado. Por se entender que aquele que foi um jogador extraordinário —já não tem valor para isso.

Gomes da Costa seria o melhor. Há dois razoáveis: Teixeira (Benfica) e Joaquim Paulo (Olinense).

Valongo, Lourenço e Bravo. Estamos convencidos que sim. A política do alargamento da Primeira Divisão só conduziu a bons resultados. Aveiro tem direito ao ingresso. E outras regiões.

P. 38—Na sua opinião, o futebol de Aveiro tem ou não tem valor?

Qual é actualmente o valor do futebol brasileiro?

Qual será o campeão nacional de 1945-46? (Um sul-americano, em Azemeis).

Entendemos que o futebol de Aveiro tem mérito e que muito lucraria no contacto com grupos de categoria. Eis porque defendemos a sua entrada na Primeira Divisão.

O valor do futebol brasileiro é grande. Apesar de não ter conseguido na Europa grande êxito —não há dúvida que os brasileiros praticam o jogo com mestria. Suas principais qualida-

O ÁRBITRO é o único responsável

ESTA estranha arbitragem dos 3 árbitros presta-se a confusões, sendo lícito apurar devidamente as responsabilidades. À guisa de desculpa do árbitro, quando êle decide mal, já temos ouvido, a a pessoas de categoria na Bola, que o juiz de campo não é culpado da decisão em virtude da falta—deslocação, livre ou o que quer que seja—ter sido assinalada pelo juiz de linha.

Para que conste—devemos frisar que o árbitro é o único responsável, e só êle, pelo que se passa dentro do campo. Mais ninguém. Os juizes de linha, embora árbitros encartados, não passam de meros auxiliares.

Há apenas dentro do rectângulo um pessoa que decide, bem ou mal, inapelavelmente. Essa pessoa é o juiz de campo. Quando êle apita para marcar uma falta por indicação do seu auxiliar cobre essa indicação, transformando-a em sua própria decisão. E o árbitro que dá força à punição. Sem essa força—a falta não seria punida. Por isso mesmo, o árbitro tem poderes para não acatar as indicações dos auxiliares, quando entende que o juiz de linha não está a agir bem. Quando concorda, porém, a decisão pertence-lhe e cabe-lhe inteiramente, pela força da lei e do seu julgamento.

Portanto—o único responsável pelo que se passa em campo é o árbitro. Não atiremos culpas a quem, verdadeiramente, não as tem.

A tabela das infracções

JÁ nos têm perguntado: Qual o critério seguido pela Federação de Futebol, e restantes organismos, para a aplicação de castigos?

—Simplez. Há uma tabela de infracções dos jogadores.

Em relação ao publico: pequenas incorrecções como gestos, palavras, pontapés na bola em direcção intencional aos espectadores, suspensão por um jogo; injúrias, 1 a 4 jogos; agressão, 2 a 10 jogos.

Em relação aos jogadores: pequenas faltas, repreensão registada; jogo perigoso sistemático, suspensão por um jogo; injúrias, gestos de ameaça, 1 a 3 jogos; jogo violento, 2 a 4 jogos; tentativa de agressão, 2 a 4 jogos; agressão intencional—ao agressor, 3 a 8 jogos, ao agredido, se responder à agressão, 1 a 2 jogos; agressão simultânea, sem possibilidade de precisar o agressor, suspensão por 3 a 6 jogos a cada um.

Em relação ao árbitro, fiscais de linha, delegados officiais e dirigentes: saída do campo sem licença, repreensão registada; gestos ou palavras que traduzam desacôrdo, e mereçam reparo, com as decisões do árbitro e indicações dos fiscais de linha, ou desvio da bola do local onde, por ordem do árbitro, foi mandada colocar, 1 a 3 jogos; desrespeito, injúrias ou desobediência, manifestados por gestos ou palavras, 2 a 4 jogos; gestos de ameaça ou de agressão, 3 a 10 jogos; tenta-

des: agilidade, corrida e «chutes». Por Deus! Ainda há dúvidas sobre o campeão desta época e já nos fala na que vem. Já dá uma arriscada previsão: talvez o Benfica... ou Sporting...

tiva de agressão com desistência do próprio jogador, 4 a 12 jogos; tentativa de agressão evitada por outros jogadores, 6 a 20 jogos; empurrão ou outras faltas análogas sem chegar a agressão manifestada, suspensão por 10 a 20 jogos officiais; agressão ou desacato publico, irradiação.

Na reincidência tôdas as penas serão elevadas ao dôbro das penas correspondentes, com excepção da repreensão registada, que será substituída por suspensão de um jogo official.

Há reincidência quando o infractor punido por determinada falta cometer outra infracção de igual natureza, dentro da mesma época. Os jogadores expulsos do campo consideram-se automaticamente em suspensão.

Como se vê—a tabela das infracções é variada. Há para todos os paladares e feitios. Por onde escolher...

Canário-mascote...

UM português, por sinal antigo árbitro, ofereceu dois canários, os melhores cantadores da sua produção, no Sporting-Avição; um, para o português que merecesse o primeiro goal; outro para o espanhol.

Juncosa, a quem coube a fortuna do canário, levou o pássaro para Madrid. À chegada, um amigo perguntou-lhe:

—O canário enjouou?
—Não. Fez uma viagem muito boa. Recebeu bem o baptismo do ar...

Ora o Real de Madrid tem como «mascote» um foxterrier que se chama «Chus». E um jornalista

Idéias próprias e alheias

Com uma época sobrecarregada de encontros—os clubes dão-se ainda a jogos amigáveis. Está absolutamente certo que os clubes tenham iniciativas—sobretudo no campo internacional, pelo que elas contribuem para o próprio jogo, e ainda como meio de receita. Haja em vista o êxito conseguido pelo Sporting.

Mas... Há sempre um mas. Os clubes não devem esquecer-se de outro aspecto da questão. Aquêles que respeita à forma dos seus teams. Já lá vai o tempo dos torneios tranquilos. Agora, os campeonatos são uma dobadoura viva, obrigando os participantes aos mais duros esforços. Por outro lado, com três desafios internacionais ajustados, a época oficial dificilmente fechará em fins de Maio, como é do Regulamento. Tão grande quantidade de encontros será benéfica aos jogadores, aos teams e ao futebol?

Um caso curioso! Em Inglaterra, num desafio entre o Liverpool e o Southport, este último perdeu por doze a um, mas o seu guarda-rêdes, um jovem de dezanove anos, portou-se brilhantemente. Êle só—contra os cinco avançados contrários, salvando goals sobre goals. No final, a multidão dispensou-lhe uma formidável ovação, não por simpatia mas realmente pelo seu brilhante jogo.

Até aqui—o caso passaria despercebido. Mas há uma particularidade interessante. É que o jovem guarda-rêdes não chegou a dar conta da ovação, por ter sofrido um colapso no fim do jogo e ter saído do campo amparado pelos seus companheiros, em estado inconsciente. Chama-se a isto dar o todo pelo todo!

Considerações de um jornalista estrangeiro sugerem-nos este tema. Antigamente, o corner era uma penalidade perigosíssima, havendo até quem afirmasse que canto bem marcado era meio goal. Agora, passam-se os desafios marcando-se cantos a seguir a cantos, e é raro vêr transformar essa penalidade em goal. Desapareceram os jogadores que a saibam marcar e os avançados que a aproveitem com os pés ou com a cabeça, sobretudo de cabeça? Ou melhorou o sistema da defesa na marcação dos cantos?

Seja como for—recordaremos sempre aquêles corners à Torres Pereira!

alvitra que o canário de Juncosa passe a ser a «mascote» do Atlético Aviação.

Alguma coisa lucraram os espanhóis do Aviação com a vinda a Lisboa...

Um jogo
ardente e renhido,
vôo alto
da
aquia...



Peyroteo tem aqui o ar de quem se conforma com a perda da bola, a favor de Gaspar Pinto...



Boa defesa de Rosa, perante a decepção de Peyroteo e o sorriso de Jesus Correia...



Rosa acaba de arrebatar a bola a Jesus Correia depois de uma série de jogadas perigosas. Observar as curiosas atitudes e máscaras dos restantes jogadores, a reflectirem os mais dispares sentimentos...



A agilidade de Espírito Santo ressalta neste oportuno instante. O excelente jogador procurou antecipar-se a Azevedo, mas não evitou a entrada a sôco do guarda-rédes, apesar do magnifico esforço que fez.



Após o choque entre F. Ferreira e Rosa, Gaspar e Cerqueira socorrem os dois companheiros e Peyroteo observa.



Espírito Santo segue atento uma ágil intervenção de Azevedo.



Rogério perde a bola em luta com Canário. Cardoso observa...



Arrojada defesa de Azevedo aos pés de Rogério, depois deste haver batido Cardoso, que se vê ainda no chão.



A batalha eterna entre o ataque e a defesa: Peyroteo furta-se à intervenção de Gaspar Pinto — mas Cerqueira está bem colocado...

Srs. Automobilistas !!

Visitai o novo stand de acessórios para automóveis

R. das Pretas, 31 **AUTO-GLOBO, LIMITADA** Telefone 24085
LISBOA

onde encontrareis um bom sortido de peças soltas para automóveis e camionetes de todas as marcas

FERRAMENTAS — ÓLEOS — BATERIAS — TINTAS — ETC.

Estação de Serviço e Vendedores autorizados dos produtos «Vulcalino»

Gerentes: **EDUARDO FLORENTINO e LUÍS SERPA**

A "VOLTA A ESPANHA" EM BICICLETA

será disputada em 19 etapas, com o total de 3.726 quilómetros

A SSEGURADA como está a comparticipação de ciclistas portugueses na «Volta a Espanha» — que este ano revivir por iniciativa do grande jornal madrileño «Ya» — a actividade do ciclismo nacional tem motivo de especial interesse.

Seis ou dez ciclistas irão representar-nos, ao lado dos valorosos estradistas espanhóis e de fortes equipas de França, Itália e Suíça, possivelmente.

A «Volta» é dura e os ciclistas têm de contar, nas 18 etapas da prova, com itinerários cuja quilometragem tem em média cêrcia de 200 quilómetros diários.

A presença dos nossos ciclistas na «Volta a Espanha» está decidida. Agora é a vez da Federação de Ciclismo dar começo dos seus trabalhos, enquanto os corredores portugueses se preparam — que a escolha será cuidadosa e devidamente seleccionada.

Entretanto, vejamos o itinerário projectado para a «Volta a Espanha»:

10 de Maio: Casa de Campo (cinco voltas) e Madrid-Salamanca (251 kms); 11 de Maio: Salamanca-Cáceres (214 kms); 12 de Maio: Cáceres-Badajoz (132 kms); 13 de Maio: Badajoz-Sevilha (218 kms); 14 de Maio: Descanso, 15 de Maio: Sevilha-Granada (251 kms); 16 de Maio: Granada-Murcia (285 kms); 17 de Maio: Murcia-Valencia (245 kms); 18 de Maio: Descanso, 19 de Maio: Valencia-Tortosa (188 kms); 20 de Maio: Tortosa-Barcelona (188 kms); 21 de Maio: Barcelona-Saragoça (306 kms); 22 de Maio: Saragoça-San Sebastian (277 kms); 23 de Maio: Descanso, 24 de Maio: San Sebastian-Bilbao (207 kms); 25 de Maio: Bilbao-Santander (194 kms); 26 de Maio: Santander-Reinosa (127 kms); 27 de Maio: Reinosa-Gijon (198 kms); 28 de Maio: Descanso, 29 de Maio: Gijon-Leon (148 kms); 30 de Maio: Leon-Valladolid (132 kms); 31 de Maio: Valladolid-Madrid (185 kms).

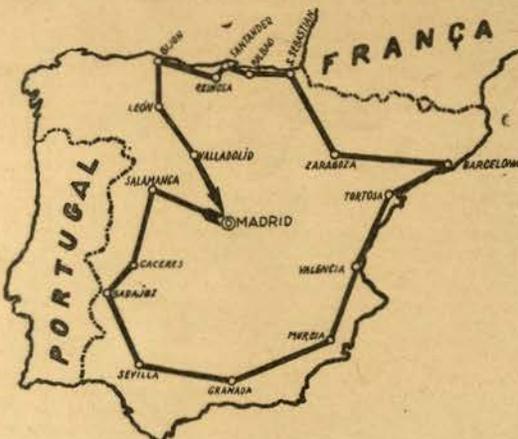
As 19 etapas da «Volta» perfazem o total de 3.726 quilómetros.

Pelo itinerário traçado verifica-se que a prova é difícil. Etapas de longas distâncias, nalgumas das quais a serra e a montanha aparecem a exigir do ciclista bom esforço e melhor energia.

A pontuação na montanha está fixada, na 2.ª etapa, em Puerto de los Leones; na 8.ª, em Puerto de la Carrasqueta; na 13.ª, em Puerto de Vidania; na 14.ª, em Puerto de las Varas; na 15.ª, em Puerto de la Braguia; na 17.ª, em Puerto de Pajares; e na 19.ª, em Puerto de los Leones.

Estão previstos 10 postos de reabastecimento, em Avila, Plasencia, Los Santos, Antequera, Baza y Lorca, Alcoy, Lerida, Pamplona, Durango, Eibar e Arredondo, respectivamente nas 2.ª, 3.ª, 5.ª, 6.ª, 7.ª, 8.ª, 11.ª, 12.ª, 13.ª e 14.ª etapas.

A selecção dos ciclistas ficará a cargo da Federação, sob as vistas da Direcção Geral dos



Desportos, e será feita conforme as classificações nas provas do ano, a disputar até meados de Abril. Os ciclistas serão submetidos a intensa preparação, ficando incumbido da parte de ginástica o prof. Fernando Ferreira.

A equipa seguirá acompanhada de um dirigente da Federação, de um magistista e de um mecânico.

Os nomes que formarão a equipa — que não correrá sob a designação de equipa nacional — serão conhecidos quinze dias antes da partida para Espanha.

BIBLIOGRAFIA

«CURRICULUM—VITAE»

do dr. JOSÉ PONTES

O movimento desportivo em Portugal é de certo modo pobre em história e biografia. Os factos que marcaram uma fase de relêvo no desporto passam por isso depressa.

Devemos, assim, receber com agrado os poucos livros que vão aparecendo, ou que vão sendo anunciados. Entre os primeiros, merece registo o «Curriculum-Vitae» do dr. José Pontes. Quanto aos segundos, anunciam-se livros de memórias de Manuel Dias e do dr. Armando de Sampaio.

José Pontes é uma personalidade com as facetas mais diversas. Tem sido, principalmente, uma mocidade vibrante ao serviço de causas nobres — em desporto, assistência e propaganda, sempre com dinamismo pouco vulgar. Não pára. E sendo, como orador e jornalista, individualidade de grande vibração, tem na sua vida particular uma regularidade que lhe permitiu organizar e manter um «diário», que é a base do «Curriculum-Vitae».

A preocupação da ordem cronológica, para a enumeração que é, em síntese, o «Curriculum-Vitae», faz com que se confundam, na mesma igualdade de citação, factos de alcance ou projecção diferentes. Esta enumeração permite, no entanto, conhecer melhor a amplitude e variedade dos serviços que José Pontes tem prestado ao País.

O dr. José Pontes praticou vários desportos quando frequentava a Escola Médica de Lisboa. Segundo o «Curriculum-Vitae», fez pesos e alteres e foi jogador de pau, com o professor Artur dos Santos. E exibiu-se, em pesos e alteres, num festival público. Fez ginástica e foi monitor do falecido professor Euis da Costa Monteiro, fundador do Ginásio Clube Português. Foi ainda professor obsequioso de ginástica em várias colectividades.

Em 1900 publicou o seu primeiro livro, um

PELA LUTA

São precisos torneios!

LENTAMENTE, a bela e viril grego-romana procura sair da apatia em que se encontrou durante anos sucessivos.

A recente criação da Federação Portuguesa de Luta agitou o meio consideravelmente. O acontecimento, talvez pela expectativa de que se rodeou, teve boa repercussão nos sectores onde a modalidade é ou foi praticada e as afirmações claras do nosso amigo Vasco Ribeiro, que Stadium arquivou, calaram profundamente no ânimo de todos aqueles que se interessam ainda pelo desporto da luta.

Por nossa parte, encontramos-nos satisfeitos por em tão boa hora termos agitado o problema nestas colunas. É mais um bom serviço, desinteressadamente prestado à causa, que assim Stadium arquivou, dando cumprimento formal à tarefa que a si própria impôs.

Mas o que está feito precisa de urgente continuação, afim de que não arrefeça o entusiasmo inicial, nem se desvie do plano traçado as intenções dos novos dirigentes.

Deve começar a ser ponderada a realização de torneios. A lógica aconselha que se principie por provas inter-sócios, nas colectividades que mantêm secções da especialidade. Seriam um belo estímulo para os praticantes novos e destinar-se-iam, sobretudo, à revelação de valores. Os torneios inter-sócios seriam uma magnífica preparação, debaixo de todos os pontos de vista, para os torneios inter-clubes, que viriam, naturalmente, mais tarde.

A nosso ver, os clubes precisam, pois, de pensar a sério nos seus torneios — a melhor forma de colaborar, desde já, com a Federação.

Trabalhar — deve pois ser o lema de todos quantos se interessam pela luta e querem, a despeito de todas as dificuldades, o seu resurgimento.

A BICICLETA «FLECHA»



é a marca preferida pelos campeões!

livro de versos, com o título de «Madrugadas». A ligação da sua disposição para escrever com o seu entusiasmo pelos desportos, deu o jornalista, na primeira oportunidade. Essa oportunidade forneceu-lha, quando se fundou o «Jornal da Noite», em 1902, um jornalista brilhantíssimo, já falecido, Alvaro Pinheiro Chagas, filho do escritor e dramaturgo Manuel Pinheiro Chagas. A indicação do nome partiu de gente do Ginásio Clube Português — e José Pontes aceitou o convite, entrando, para o «Jornal da Noite», como redactor desportivo e criando ali uma secção diária, ampla e variada, por vezes tida como a primeira secção diária de desporto em jornais diários.

Data pois de 1902 a entrada do dr. José Pontes no jornalismo desportivo. Foi, portanto dos primeiros — e foi dos melhores, em vibração e em qualidades de iniciativa. Esteve no «Jornal da Noite» de 1902 a 1908. Em 1903 chefiou a redacção da «Revista de Sports», de Sena Cardoso e Pinto da Cunha, que em dezembro do referido ano passou a «Tiro e Sports», excelente revista quinzenal de desportos. Em 1905 dirigiu o «Jornal de Sports», de vida efêmera, com poucos números. Deu-se uma cisão; José Pontes, ainda estudante, saiu, com Cesar de Melo e Jorge de Abreu, fundando «Os Sports», que foi o primeiro bi-semanário desportivo que se publicou entre nós. «Os Sports» começou a publicação em 22 de Outubro de 1905, mantendo-se até 1908, ano em que o dr. José Pontes se formou. Antes, em 1907, entrara para a redacção de «O Século», de que é ainda redactor. Em 1910, a empresa deste grande diário criou um semanário desportivo, «Os Sports Ilustrados», entregando a sua direcção a José Pontes. Publicou-se de Junho de 1910 a 1913, ano em que as funções de director passaram para o fale-

(Continua na página seguinte)

Atlético, Sporting e Fósforos

«leaders» do campeonato de júniores da A. F. L.

COM a efectivação dos encontros do último domingo pode considerar-se em meio a primeira fase dessa utilíssima e interessante competição que é o campeonato de júniores da A. F. L.

A jornada que sorriu para conclusão da primeira volta das «poules» eliminatórias revestiu-se de grande expectativa. Diz-se que o sorteio caprichara em reservar para esta sétima jornada os melhores encontros. O seu desfecho, capaz de provocar sensíveis modificações na classificação, era aguardado com grande curiosidade. E para valorização do programa havia até um Benefic-Sporting...

Nesta altura da prova há um «leader» isolado em cada uma das séries. Dos três clubes que ocupavam essa invejável posição só um — o Sporting — não viu aumentada a diferença que o separava do segundo classificado. Mas também não a diminuiu.

É curioso apontar a primeira vitória de cada um dos favoritos ter perdido um ponto. Quer o Atlético, quer o Sporting, quer o Fósforos — têm um empate.

Para a conquista do segundo lugar, que também interessa com vista à passagem à segunda fase da prova, a luta apresenta-se bastante confusa e indecisa, sendo praticamente impossível um valitino. Vejamos as classificações, ao fim da primeira volta:

1.ª Série — 1.º Atlético, 20 pontos; 2.º Estoril, 17; 3.º Oeiras e Parede, 15; 4.º C. U. F., 14; 6.º Belenenses (B), 13; 7.º Cascais e Paço de Arcos, 9. 2.ª Série — 1.º Sporting, 20 pontos; 2.º Benfica (A), 18; 3.º D. C. Arroios, 17; 4.º Casa Pia e Cascalheira, 14; 5.º Palmeiras, 12; 7.º F. Benfica e Desportivo Operário, 8. 3.ª Série — 1.º Fósforos, 20 pontos; 2.º Belenenses (A) e G. D. da C. P., 14; 4.º Benfica (B), 13; 5.º Chelas, 10; 6.º Operário e Sacavenense, 8.

Os quatro encontros da 1.ª série voltaram a fornecer resultados que não deixam que se pense em grande desnível de valores, três vitórias pela tangente e uma por dois «goals» de diferença. O Estoril foi o único visitante vencedor. O Parede, que há oito dias ganhara folgadoamente a C. U. F., desambarçou-se, agora, do Belenenses (B), que foi o vencido mais prejudicado, pois baixou ao 6.º lugar.

Na 2.ª série, a luta entre «leões» e «encarnados» regeu para segundo plano os restantes três desafios. O Sporting contava por vitórias os encontros disputados e o Benfica, tida como surpresa a sua derrota perante o Arroios, logrou os resultados mais convincentes da «poule». Ao fim e ao cabo, a questão da superioridade ficou por esclarecer, pois o desfecho da luta foi um empate. Como os «leões» jogaram em casa, talvez este desfecho possa ser considerado mais honroso para os «encarnados».

O Casa Pia foi, desta vez, o vencedor mais folgado; o Arroios conseguiu os pontos do que se poderia esperar e o F. Benfica fez a vida mais fácil a Cascalheira.

Na 3.ª série, o encontro Benfica (B) Fósforos chamou sobre si atenção especial. O grupo de Marvila continuava a evidenciar regularidade e valor, ao passo que o

O GRANDE CAMPEONATO

(Continuação da pág. 2)

É certo que o encontro não se distinguia pela qualidade. Poucos lances limpos e geométricos, naquele abrir e desenvolvimento de jôgo tanto do agrado dos técnicos, se registaram. Em compensação, houve energia a rodos. Os adeptos do grande esforço e da actividade incessante em campo tiveram farta matéria para seu prazer. Porque, de um lado e de outro, e do primeiro ao último apito, não se pouparam esforços. Todos os jogadores, cada um dentro das suas características, se empregaram a fundo.

Ciente de que o perigo lhe viria da linha avançada belenense, habilidosa e unida nos seus lances, mesmo mais que habilidosa, os algarvios cerraram fileiras, jogando primorosamente no capítulo da defesa, em marcação. Com a necessária durezza e sentido de antecipação, os backs algarvios chegaram para o ataque de Belém que, como de outras vezes, não dominou em campo. Em complemento deste jôgo, os rapazes do Algarve realizaram os seus movimentos ou combinações com a rapidez que os caracteriza, quando em boa tarde, embora estranhando a relva.

O Belenenses viu-se na necessidade de se empregar a fundo, passando maus pedaços, especialmente no segundo tempo. Chegou a haver a impressão de que os lisboetas acabariam por sucumbir. Afinal — uma jogada isolada e de acaso decidiu a questão. A bola entrou nas rédeas algarvias devido a uma intervenção desafortunada do médio-centro, mas quasi sem se saber como. Há na bola muitos destes casos. Os adeptos revoltam-se contra estes acontecimentos — quando não é

segundo grupo dos «encarnados» parece inferiorizado. A vitória do Fósforos foi, pois, merecida.

Os «canis» não experimentaram dificuldades perante os pupillos de Vitor Silva e o E. D. da C. P. de mais uma vez excelente conta de si. Não faz resultados estrondosos, mas em seis saídas souou quatro vitórias.

D. D.

o seu clube o beneficiado. Porque, em caso contrário, oiro sobre azul. O Olhanense, com escassos minutos na sua frente — estava batido. Já não tinha forças para lutar contra adversidade. O seu esforço fica, porém. Trata-se de um team que, domingo a domingo, vai convencendo todos da sua categoria. Em Olhão, como no outro sitio qualquer — há que ter cuidado com êle. O Belenenses, ganhando, ficou ainda nos carris que se dirigem ao local do título. O jôgo contra o Benfica ditará a última palavra no caso belenense.

Estoril, em má tarde. Vitória (Setúbal) destacando-se: energia e melhor combinação

O jôgo Vitória (Setúbal)-Estoril Praia disputado no Campo Grande, por interdição do campo dos Arcos, decorreu com interesse. A luta, viva e animada, esteve indecisa até à segunda parte. O resultado de 2-2 ajustava-se bem à feição da partida até esse momento. Daí por diante, o Vitória (Setúbal), tomou ascendente. Praticamente, colocando-se em vencedor. Sob o ponto de vista técnico, demonstrando mais coesão, ligando melhor a tarefa de cada elemento. O Estoril tentou responder ao jôgo do adversário, sempre. Quando ataca, lê-lo aos repêlhos, bruscamente, sem o que se pode dizer nitidez de jôgo. Nem as alterações introduzidas na linha da frente deram qualquer rendimento. Petrack, que nada fizera a avançado-centro, continuou a nada fazer na extremidade.

Em contra-partida, os setabalenses assentaram jôgo, atacando com ligação, registando-se nessa altura as suas melhores combinações, que a defesa adversária somente com extrema dificuldade conseguia inutilizar. Porque é preciso afirmar que o Estoril estava nãma daquelas tardes em que tudo sai mal. O Vitória (Setúbal), animado e amparado pelo público, produziu uma boa exibição.

Os outros desafios oferecem pouca margem para comentários. O Pôrto ganhou tranqüilamente, acumulando bolas sobre bolas. Os acidentes dos homens do Salgueiros facilitaram-lhe a tarefa. A Académica também não teve dificuldades. Venceu — a sorrir. Somente causa admiração como tendo realizado três bolas na primeira parte não conseguiu aumentar o activo no segundo tempo. Para mais, redazido o Vitória (Guimarães) a dez unidades.

JOSÉ SOARES

Encontra-se quasi restabelecido de um forte ataque de gripe o nosso querido amigo sr. José Soares, administrador do Stadium.

Fazemos os melhores votos pelo seu pronto regresso ao nosso convívio.

«Curriculum-Vitae»

(Continuação da página anterior)

cido jornalista J. Nobre Martins. «Os Sports Ilustrados» pode considerar-se dos melhores semanários desportivos que se tem publicado em Portugal. Quando se fundou a «Capital», ficou o dr. José Pontes como redactor, até ao desaparecimento do jornal, em 1919.

O dr. José Pontes tem sido principalmente jornalista; e, no jornalismo, tem-se distinguido em especial como propagandista e animador. Nesta qualidade, tem o seu nome ligado a iniciativas de relevo, como, por exemplo, os «Jogos de Preparação Olímpica», de 1925, e a «I Exposição Triunfal do Desporto», de 1934, ambas organizadas pelo nosso prezado colega «O Século». Mas tem sido orador — e dirigente, no desporto e fora do desporto. Passou, como director, por vários clubes e diferentes federações. Foi secretário geral do Comité Olímpico Português de 1909 a 1914; preside ao mesmo Comité desde 1924; e é representante de Portugal no Comité Olímpico Internacional, desde 1940. Foi senador de 1922 a 1926. Tem representado Portugal em grande número de campanhas e festas no estrangeiro.

ZÉ DO PEÃO

Os jogos da II Divisão Nacional

TRINTA e três encontros — tantos foram os que se disputaram no último domingo, a contar para o campeonato nacional da II Divisão.

De jornada para jornada definem-se melhor as possibilidades dos concorrentes, de tal modo que a presença de determinados clubes na segunda fase da prova deixou de oferecer dúvidas.

Os desafios de domingo não deixaram transparecer grande diferença de valores. Aparte os 10-1 da C. U. F. de Lisboa ao Aguiã Vilafranquense, os outros resultados não podem ser considerados expressivos, talvez porque esta competição nos outros anos nos tivesse habituado a frequentes «scores» esmagadores.

Na «ronda» a que nos referimos hoje, o futebol minhoto não esteve muito bem representado. Valeu-lhe a vitória do Famalicão sobre o Infesta. Isto porque o Gil Vicente foi batido pelo Ramaldense e o Sporting de Braga, em sua casa, contra um Boavista que não atemorizou, não foi além de um empate.

Dois clubes portuenses estiveram em evidência: o C. D. das Aves e o F. C. Avintes. Mas em contrapartida o Leixões forneceu a surpresa da jornada, deixando-se bater pelo Sporting de Espinho. Excesso de confiança ou má tarde? A derrota do Académico só pode ter a atenuante de ter sido registada no campo do adversário — a A. D. Ovarense.

No grupo B, as equipas da Beira Alta pareceram dispostas a atenuar a má impressão das anteriores «saídas». Assim, temos que o Académico de Viseu impôs um empate ao União de Coimbra e que o Sport Lisboa e Viseu não se deixou bater pelo Anadia, no campo deste.

O Conimbricense «salvou a honra» do futebol da Lusa-Atenas, pois conseguiu regressar

da Marinha Grande com os dois pontos da vitória sobre o A. C. Marinhense. O Alhandra fez bom resultado em Santarém e o Sacavenense não pôde tornar a dificuldade da ida a Tomar. Espirito comentários os 10-1 que a C. U. F. de Lisboa infligiu ao Aguiã Vilafranquense.

No grupo C, deve salientar-se a vitória do Marvilense sobre o Peniche, mais pelos números (6-2) do que propriamente pelo desfecho da luta. E sobretudo porque a luta se travou em Peniche.

A resistência que o Alcoaça ofereceu ao Torreense é também de realçar. Os desafios Leões de Santarém-F. Benfica, Casa Pia-Operário Vilafranquense e Luso do Barreiro-Chelas terminaram empatados. A ideia de luta de igual para igual não repugna, mas em todo o caso os clubes apontados em segundo lugar, por serem visitantes, podem merecer referência.

Excelentes as vitórias do Gimnásio Clube do Sul sobre o Seixal e do Onze Unidos sobre o S. L. Olivais. A do Fósforos sobre o Comércio e Indústria de Setúbal não chega para tecer elogios ao grupo de Marvila, tão fraco os sadinos se têm mostrado. O Barreirense salu-se bem da ida ao Montijo, o Almada voltou a vencer, tal como a C. U. F. do Barreiro, e o Operário F. C. só pôde respirar fundo quando o desafio acabou.

No grupo D, o desafio mais importante era o que colocou frente a frente os campeões de Portalegre e Évora. Os «encarnados» de Elvas ganharam e bem. O Juventude deu boa conta do recado indo empatar a Portalegre. O Sporting da Covilhã ganhou naturalmente e o União de Beja teve no Moura A. C. adversário bastante difícil.

NO ESTORIL — VITÓRIA (S.) 1 —
magnífica estirada de Valongo aos
pés de Rodrigues; 2 — Um cacho de
jogadores que reflecte a vivacidade
com que também se lutou neste en-
contro; 3 — Valongo, Rodrigues e Pe-
reira — três esforçadas atitudes que
provam a beleza do futebol



O F. C. PORTO —
ALGUEIROS 4 — Ca-
bello marca o 9.º goal
do seu clube; 5 — An-
s, o mesmo jogador
faz assim o 7.º tento.
O ACADEMICA — VI-
TÓRIA (G.) 6 — Du-
rante um ataque dos
maranenses, Faus-
no alivia de cabeça



Chaves

de todos
os
modelos

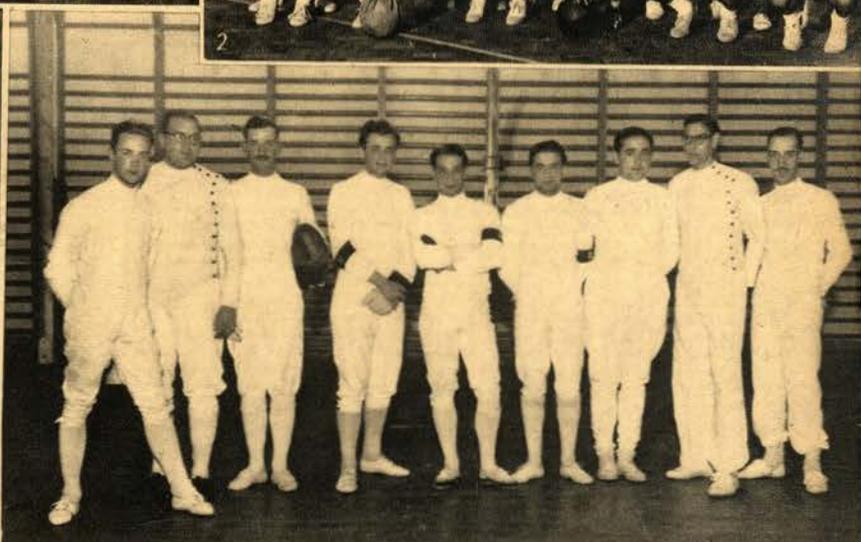
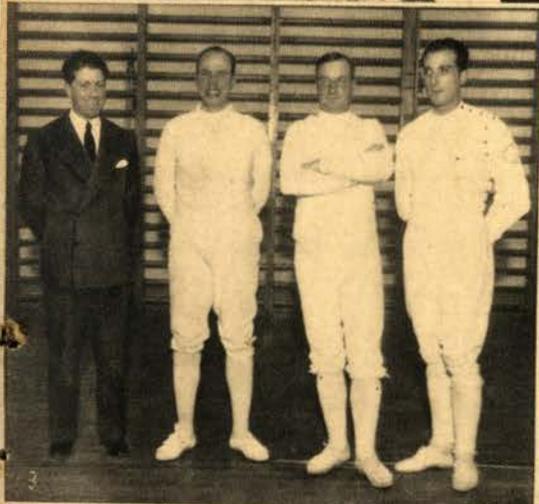


Perdeu-as? Partiram-se? Roubaram-
-has? — manda fazer outras na
CASA DAS CHAVES

de
Amadeu Gomes da Fonseca

R. da Mouraria, 3 (Frente ao Cinema) Tel. 28050

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



A MARCA
QUE
VOU USAR
EM CHAPÉUS
E BONÉS

FESTEJANDO CAMPEÕES: 1 — Aspecto do concorrido banquete que o Belenenses ofereceu aos seus esforçados jogadores de «basketball», VOLLEYBALL: 2 — As equipas da F. Direito e do I. S. Técnico, que disputaram o último jogo do Campeonato Universitário — torneio que a segunda ganhou com brilhantismo. ESCRIMA: 3 — A equipa do Gimnásio Club que conquistou a taça com o nome do velho instituto de educação física. A contar da esquerda: R. Worm, C. Dias, J. Ooni e J. Vinha; 4 — As outras equipas que concorreram a este torneio de florete: Lisboa Gimnásio, «Mocidade» e I. S. Técnico (ver crónica noutra página). DESPORTO UNIVERSITÁRIO: 5 — Aspecto colhido durante a distribuição dos prémios das provas do ano findo, a que presidiu um representante do sr. Ministro da Educação Nacional BASKETBALL: 6 — Os grupos do Sport Conimbricense e do Benfica, que jogaram ultimamente em Coimbra.



A figura da semana

ORESTES AMARO

OS triunfos e os fracassos de uma equipa ou de uma colectividade não são apenas a resultante do maior ou menor valor genérico daquêles que a representam. A influir também na marcha dos resultados e na actuação dos praticantes, está a figura do dirigente ou do orientador técnico. E em muitas ocasiões sucede que um conselho ou um comentário oportuno dêstes — que passam, as mais das vezes, despercebidos do público — foram capazes, por si só, de modificar radicalmente a marcha dos acontecimentos...

Dada pois a importância capital do desempenho daquelas missões, não é de estranhar que os clubes procurem confiá-las a pessoas competentes, de moral sólida e de prestigio.

Pensando assim — e dentro de salutar doutrina — o F. C. do Porto, quando há dois anos teve necessidade de nomear um elemento responsável pela secção de handball, esmerou-se na escolha, confiando o cargo a um desportista que fora valoroso como praticante, mas que dava como dirigente maiores esperanças: Orestes Amaro.

Os factos têm demonstrado que os directores do F. C. do Porto não se enganaram.

Orestes Amaro praticou atletismo, handball e «basket». Sôbretudo na primeira modalidade teve exibições de relevo, que o levaram à conquista de campeonatos. Recordamos até uma sua estupenda corrida, numa prova de 4x400, que fez erguer de entusiasmo o público do Lima e que arrastou a sua equipa à vitória.

Desportista correcto e praticante modesto, para quem os triunfos e as derrotas valiam o mesmo, desde que o ideal da causa fosse respeitado, Orestes Amaro soube conduzir-se sempre com apuro. Por isso conta hoje com as simpatias gerais, e por isso a sua acção como dirigente da secção de handball do F. C. do Porto — o único clube que até hoje tem conquistado o campeonato nacional da modalidade — só merece louvores.

STADIUM trabalha em favor do desporto portuense

Effectua-se amanhã uma reunião dos delegados dos clubes concorrentes ao Torneio de VOLLEY-BALL

APESAR de tantas provas de carinho que recebemos de todos os sectores e das ofertas de colaboração que até nós chegaram, foi necessário trabalho e muito entusiasmo para «por de pé» a nossa segunda organização em favor do desporto portuense. O principal obstáculo para o nosso objectivo era a falta de um terreno coberto. Felizmente, porém, todas as dificuldades foram vencidas e hoje já é possível afirmar que o Torneio de «Volley» da Stadium terá o seu início no próximo dia 24, sábado. Amanhã, na sede da Associação Regional respectiva, promovemos uma reunião dos clubes concorrentes, que destinamos à discussão de problemas respeitantes à organização e ao sorteio dos jogos para a primeira jornada. E assim estará dada a primeira volta à manivela deste fim, que promete agradar...

No próximo número publicaremos a lista dos clubes e seus representantes, assim como o resultado do sorteio que se effectua amanhã na Associação de Volleyball, providoriamente a funcionar na sede da sua congénere de Basket, na rua Sampaio Bruno, 12-2.º.

Stadium na Capital do Norte

ATLETISMO

O ressurgimento do «corta-mato» é finalmente um facto

Comentários ao campeonato regional de «estreadas»

TEMOS afirmado que o «corta-mato» portuense só pode conglumar no seu futuro desde que os clubes trabalhem e procurem criar novos elementos praticantes.

Não basta que a A. P. A. elabore os seus calendários.

É preciso, primeiro, que os clubes possuam representações capazes — e como a acção dêstes é que determina o grau de desenvolvimento do meio, os dirigentes da A. P. A. serão obrigados a conduzir-se em harmonia com o ambiente em que trabalham.

Ora parece-nos que, finalmente, quasi todos os clubes começaram a compenetrar-se da sua missão e que podemos agora confiar no ressurgimento do «corta-mato» norteño.

Altrvés do primeiro campeonato regional da época — o de «estreadas», foi já possível tirar algumas conclusões. Destas ressalta o trabalho do F. C. do Porto, que entre os 14 concorrentes à prova contava 9 representantes. Isto quer dizer que o clube da Constituição continua a obra iniciada o ano passado na pista do Lima, a preparar gente nova para a salutar prática do atletismo.

Se o exemplo frutificasse, e se cada um dos restantes clubes se tivesse inspirado na actividade daquêle, o campeonato regional de «estreadas» não teria reunido 14 atletas, mas pelo menos 27 — o que seria mais agradável.

Carlos Miranda, o campeão regional de «corta-mato» na categoria de «estreadas», é, sem dúvida, dos melhores atletas que têm saído da «escola atlética» do F. C. do Porto. Revelado na prova da Stadium, onde um incidente aborrecido o arrastou para o 5.º lugar da classificação, as suas corridas têm sido daí para cá de regularidade espartana e sempre premiadas por vitórias indiscutíveis. Carlos Miranda não teve ainda mesmo necessidade de se empregar a «funda». Tudo nele parece ser feito com a maior facilidade, num ã-vontade que impressiona.

A sua prova no campeonato regional deu regão ver-se. O per-

curso compreendia 5 voltas nos terrenos das Cavadas. Na primeira, Carlos Miranda limitou-se a seguir em 2.º lugar, como que a estudar o terreno; depois, alargou a passada com facilidade e distanciou-se dos adversários, levando apenas na peugada um companheiro do clube — Leonel Silva, outra promessa. Conseguida a distância que julgou necessária para estar a coberto de qualquer «ataque», limitou-se a mantê-la até 300 metros do fim, altura em acelerou o andamento, para «descolar» o colega de clube, chegando à meta com um «sorriso nos lábios». A sua prova tinha sido excelente de tática e a demonstração das suas qualidades de corredor.

(Continua na página seguinte)

HANDBALL

Notas e comentários

DEPOIS de oito jornadas e concluída a 1.ª volta do campeonato portuense, os campeonos nacionais voltaram ao 1.º lugar, apenas a 1 ponto de distância dos segundos classificados, mas o bastante para referenciar a sua actual superioridade sobre os restantes. O Vilanovense e o Vigorosa, a par, completam o conjunto do trio que, na 2.ª volta, presagiamos muito fragmentado. Outros grupos devem aproximar-se dos favoritos, ao considerar-se as belas actuações, mas por vezes episódicas, de algumas equipas do 2.º plano. Ainda recentemente, no seu jogo contra o F. C. do Porto, o Sport brindou o público com uma exibição de classe, de «handball» perfeito. O próprio Académico, já pela sua estreia nesta época, já pelo conjunto de jogadores habilidosos que possui, pode igualmente aspirar a posição mais evidente.

Em suma, o «handball» no Norte rejuvenesceu, readquirindo o prestigio que teve noutros tempos.

À Associação de Lisboa, em recente ofício à sua congénere do Porto, manifestou desejos que de o inter-cidades fosse realizado mais cedo que o prazo já estabelecido. No entanto, a A. H. P., observando que a sua equipa não estava convenientemente preparada, manteve a data primitiva, isto é, depois do II Lisboa-Madrid.

Na realidade, o seleccionado portuense só uma vez foi convocado, comparecendo ao treino apenas metade do número dos prováveis...

À segunda reunião dos clubes, para confecção de lista dos corpos gerentes da A. H. P., não foi provelosa. Formou-se um elenco que, embora corresponda aos desejos dos delegados presentes, não satisfaz as exigências da modalidade,

O CAMPO DO LUSO

UMA das parcelas que constitui o agregado constituído por edifícios e terrenos alugados pela Santa Casa da Misericórdia ao Académico F. C., é o Campo do Luso.

A curiosidade levou-nos, há dias, a assistir a alguns jogos ali effectuados. Não poderia ter sido pior a nossa impressão: o campo não está em condições para a disputa de jogos oficiais.

Não falamos nas inúmeras pedras que estão espalhadas pelo terreno de jogos, propriamente dito, com cascas de laranjas e outros detritos que a incúria e o desconhecimento das assistências altram para o campo, mas ainda mais: a baliza sul está fora de tódas as regras, ameaça ruína, está segura por um pedaço de madeira na junção esquerda, entre o poste e a trave, e tem uma inclinação visível para dentro do terreno, esquecendo a curva que o mesmo trave descreve. Desta maneira, os resultados podem ser falseados pelo mau estado das balizas, o que não deve consentir-se.

Apontamos esta deficiência a quem de direito, para que se corrija a tempo, antes de causar um mal maior.

pela insuficiência de recursos técnicos.

Creemos que haverá recomposição, de contrário esta modalidade desportiva corre risco de se afundar num mar de conveniências clubísticas, prelúdio de inevitável agonia.

Urge, pois, a resolução de se entregar o «handball» em mãos firmes — custe o que custar. Como defensores dêste desporto, apelamos para a superior decisão do sr. delegado da Direcção Geral.

Com tódã a regularidade, prosseguem as preleções na escola de árbitros. Muitos inscritos, o que faz prever no futuro um bom lote de juizes de campo, a substituir alguns «indiscutíveis».

Discretamente, ainda que sem abrandar a sua actividade, a C. Distrital dos Árbitros vai impondo a sua obra, que está ainda no início. Não se limita, exclusivamente, a «marcar árbitros» — vai mais longe: cuida da preparação técnica dos filiados, amparando-os na sua acção. O abismo de indiferença, de desrespeito até, que se nota da parte dos clubes perante os árbitros, desapareceu após a nomeação de C. Distrital. Um facto: um clube de 2.ª Divisão, que linha hoje importante a realizar no campo do adversário, fez comunicar à Comissão que não desejava determinado árbitro para o seu jogo. Mas a atitude enérgica de um membro da C. D., em face de tal caso de coacção moral, deu motivo, possivelmente, a que esse clube desista definitivamente de tentar influir junto daquêles que sabem cumprir os seus deveres.

Por certo, essa atitude servirá de lição a outros clubes que porventura pensassem fazer no «handball» o que costumam fazer noutros desportos.

LEME

DESPORTOS DE BOLA

HANDBALL — Dois jogos e dois sistemas

COMEÇOU no domingo a segunda volta da primeira fase deste campeonato de Lisboa e por acaso do sorteio ofereceram-nos dois dos raros jogos que podem garantir aos espectadores algum interesse desportivo: Sporting - Estoril e «Cuf» - «Os Treze».

Marcados para campos vizinhos e a horas diferentes, tivemos assim a possibilidade de presenciar ambos e estabelecer confronto entre os sistemas de jogo das equipas contendoras, claramente distintos nos dois terrenos: no Estádio assistimos a uma partida animada, clara, com predominância dos passes longos e remates compridos; no Lumiar o encontro foi confuso, com os jogadores aglomerados na frente da baliza, insistências pessoais e o anseio de atingir o limite da área para lançar o remale.

Isto equivale a dizer que nos agradou muito mais o jogo entre o Sporting e o Estoril, cujo resultado de 9-7 traduz fielmente o poder realizador e a decisão das linhas avançadas, devendo notar-se que os «leões» sentiram, na defesa, a falta de Jaime Silva, e na linha média a inclusão de Aleluia.

Qualquer dos grupos, porém, mostrou boa compreensão do «handball», pondo a bola a correr mais do que os jogadores, preferindo o passe e a desmarcação aos ataques pessoais, ao choque com a defesa, à teimosia em guardar a bola, defeitos que abundaram no encontro entre «cufistas» e «trezistas» — que não conseguiram atingir nível de agrado pelo trabalho construtivo de qualquer dos contendores. Não viramos jogar ainda esta época o campeão de Lisboa e, julgando por este primeiro exame, fica no espírito uma ideia de maior perfeição.

Aproveitando o feriado de ontem os seleccionados regionais tiveram no relvado das Salésias o seu último treino conjunto, antes da partida para Madrid, onde vão jogar no próximo dia 25 de Fevereiro.

O seleccionador Acácio Rosa entendeu não modificar a linha que tão brilhante exibição teve no dia primeiro do ano e apresentará na capital espanhola ante o grupo representativo de Castela: Jorge Almasqúe, Adriano Natividade e Jaime Silva; Raúl Macara, Miranda e Corraia Cesar; Luiz Nunes, Pimenta, Tomás de Macedo, Domingos Vicente e Manuel Seia.

Os suplentes que se deslocam são Osvaldo Martins e Júlio Matos Moura.

VOLLEYBALL — O Técnico é sempre campeão

COM mais uma vitória do Instituto Superior Técnico terminou na passada sexta-feira o campeonato universitário de «volleyball», que decorreu da maneira mais regular, com extraordinário entusiasmo e apreciado mérito desportivo.

A inesperada derrota do Instituto Nacional de Educação Física, pela Faculdade de Direito, na primeira sessão de jogos da série final, fez recrudescer o interesse da prova e muitos deviam ter sido os amadores da modalidade que acreditaram no impossível e foram na última noite ao ginásio do I. S. T., naquela mesma disposição de espírito do espectador que vai ao circo para ver a fera comer o domador...

Ainda não foi desta vez que o Técnico se viu, porém, destronado e — em boa verdade — o seu mais difícil adversário não foi o finalista, mas sim ainda o grupo do I. N. E. F.

O Técnico, embora consideremos a sua actual representação inferior aos aúreos tempos de Serpa Pimentel e Mendes de Almeida, dispõe de um conjunto completo e harmónico, cujo entendimento é perfeito, na cobertura do terreno, nas jogadas de defesa e onde a eficiência ofensiva é assegurada por potentes rematadores e por jogadores de inteligente apreciação das circunstâncias.

A equipa do I. N. E. F. é, em seguida, a melhor treinada e mais bem composta, longe contudo do aperfeiçoamento do sua grande rival; compete com ela de igual para igual até

FESTA DE CAMPEÕES

O banquete oferecido aos «basketistas» belenenses constituiu também uma significativa homenagem ao dirigente Acácio Rosa

MAIS de duas centenas de pessoas estiveram presentes no banquete de homenagem que a direcção do Belenenses promoveu aos seus campeões de «basketball». De facto, o notável feito desportivo dos seus atletas permite o regosijo verificado — e por dois motivos especiais: a vitória simultânea nas três categorias do Campeonato de Lisboa, cometimento brilhante, que corresponde a valor e entusiasmo; depois, porque este triunfo garante que o Belenenses está de novo em magnífica posição para enobrecer a actividade das modalidades desportivas de que andou afastado.

O sacrificio que, na hora difícil que passou o Belenenses, foi imposto às suas diversas secções desportivas, começa a ser compensado. Está presente no popular clube de Belem o espirito de dedicação clubista que torna possível o reviver dos bons tempos de intensa actividade. O «basketball» foi a primeira grande manifestação do ressurgimento do Belenenses em todos os desportos. Excelente.

Mas a par do merecido elogio, imposto pelo feito dos «azuis», surge, aureolado de magnifico prestigio, alguém que tem de enfileirar na honrosa galeria dos melhores nomes do Belenenses: Acácio Rosa. A ele se deve em grande parte o triunfo festejado. Reconhecem-no todos quantos vivem a actividade do clube e reconhecemo-lo nós, neste registo do dia a dia dos casos e das figuras do desporto nacional.

O banquete de há dias — festa de campeões — englobou estes dois aspectos, com os calorosos aplausos de uma assistência entusiasmada e as felicitações de um grupo de individualidades onde se viam os srs. comandantes Reis Gonçalves, drs. Salazar Carreira, Ayala Boto, Coelho da Fonseca e Constantino Fernandes, Eugenio Moita, Francisco Mega, Salvador do Carmo, Manuel de Oliveira, José Ghira e representantes da Imprensa.

DE LUTO

Eduardo Rodrigues

Faleceu há dias o sr. Eduardo Rodrigues, irmão do nosso prezado emigo sr. Armando Rodrigues, dedicado dirigente da secção de ciclismo do Sporting Club de Portugal. Sentimos o desgosto por que acaba de passar Armando Rodrigues, o quem, bem como à família enlutada, apresentamos os nossos pêsames.

ao momento decisivo — mas então, sem que se note por quê, fala a classe dos engenheiros e a vitória que parecia incerta decide-se invariavelmente a seu favor.

A Faculdade de Direito valoriza-se sobretudo pela presença de um jogador excepcional: José Maria Trocado; o mesmo se pode afirmar quanto ao Instituto de Agronomia, que vale apenas pela colaboração eficaz de Nuno Câmara Pereira. A diferença entre os dois grupos corresponde à disparidade evidente dos restantes componentes, nitidamente favorável a Direito.

JOSÉ DE EÇA

Assine a STADIUM

O ressurgimento do «corta-mato»

(Continuação da página anterior)

Aguardemos as futuras competições, pois é de prever que dê que falar.

Leonel Silva, 2.º classificado, anda também perto do valor do seu colega de equipa. Talvez o «corta-mato» não lhe seja muito simpático e acreditamos por isso que na pista consiga sucessos maiores. Joaquim Rodrigues, 4.º da classificação geral e 3.º da equipa vencedora, teve dificuldade em chegar à meta por ter ficado descalço durante a prova. Contudo, revelou igualmente qualidades apreciáveis e espirito de sacrificio digno de elogio. Todos estes rapazes, saídos este ano da «escola» atlética do F. C. do Porto, que Arnaldo Borges está a orientar da melhor maneira, deixaram boa impressão e revelaram já conhecimentos técnicos que dizem bem dos métodos por que se guiam.

Na equipa do Académico, Albino Neves merece referência especial — e diga-se que nos parece ser um praticante para largos cometimentos. Também Franklin Cardoso, do Operário, teve actuação agradável e de maneira a deixar-nos confiantes no seu futuro.

Em suma: o primeiro campeonato regional de «corta-mato» serviu para pôr em evidência o trabalho do F. C. do Porto e para nos deixar seguros de que a modalidade foi enriquecida por valores de futuro promettedor.

EDUARDO SOARES

Notas da semana

Prava extraordinária da A. E. do Porto

Após a jornada de domingo 3, a classificação dos concorrentes à prova extraordinária da A. E. do Porto registava: na série A, o Atlético de Rio Tinto, com 10 pontos e com o «goal-average» de 22-6; na série B, o Ermeziense, também com 10 pontos; no série C, o Tirsense, com 12 pontos.

Esta prova está despertando singular interesse, registando os campos assistências avultadas.

Campeonato regional de júniores

Continua, com regularidade, este torneio, movimentando muitos clubes, que apresentaram um bom lote de jovens jogadores de futebol. Nas suas séries, o Académico e o F. C. do Porto vão à cabeça com o mesmo número de pontos — 12, enquanto na série C o F. C. de Gália sómente totalizou 9 pontos. A luta forte, a travar pelos campeões das séries, deve ser bastante emotiva, especialmente entre os velhos rivais da Constituição e do Lima.

Acácio Mesquita

Os jornais deram a noticia da partida para o Carumulo de Acácio Mesquita, antigo internacional e avançado centro do F. C. do Porto. Segundo dizem, o seu estado de saúde inspira sérios cuidados.

Acácio, desconhecido das gerações modernas, que só ouvem o seu nome através da tradição, era um dos componentes do «cêbre» «trio fantasma», ou ainda «Os 3 diabos do Meio-dia», sendo os restantes Waldemar Mota e Artur de Sousa, este ainda a jogar no clube «azul-branco».

Este trio pôs em prática um sistema de infiltração, através das defesas contrárias, que bastante resultado obteve, tendo recolhido para o seu clube fartos louros. Acácio retirou-se cedo das lides desportivas, quando ainda muito haveria a esperar da sua persistência e do seu valor.

Basketball

«Pode dar-se como terminado o campeonato regional portuense de «basketball», com a vitória do Guifões sobre o F. C. do Porto. Os guifonenses garantiram assim o seu lugar no campeonato nacional, emparceirando com o Vasco da Gama.

Como surpresa, registou-se o resultado arrancado na 1.ª divisão, em que a classificação se embaralhou, desviando da cabeça o provável vencedor.

Esrina na M. P.

Nas provas «últimas» realizadas para o campeonato regional, em florete, Artur Giesteira obteve o 1.º lugar, seguido de seu irmão, Alberto, outro exímio esgrimista. Os dois irmãos Giesteira continuam a não ceder o passo nos primeiros lugares, dedicando-se com afincão ao belo desporto das armas, do qual são cultores entusiastas.

Ano III — Lisboa, 14 de Fevereiro de 1945 — II Série — N.º 115

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º

TELEFONE 5 1146 — LISBOA

Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

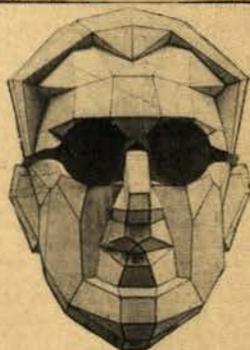
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



BELENENSES — OLHANENSE Em cima: Defesa de Abraão, apertado por Quaresma. Loulé e Grazina procuram auxiliá-lo. À direita, em cima: Bom salto do «Keeper» algarvio, enquanto Armando se conserva de atalaia...; em baixo: Rodrigues e Quaresma disputam a bola

MAIS UM SPORTING-BENFICA — EM JUNIORES

Fase do jôgo disputado no domingo, no Lumiar, no qual se registou um empate. Como se vê, os "novos" não colocam mal os "velhos"...



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865
Deposítaria das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão

138, RUA DA PRATA, 140
Telefone 2 2629 LISBOA